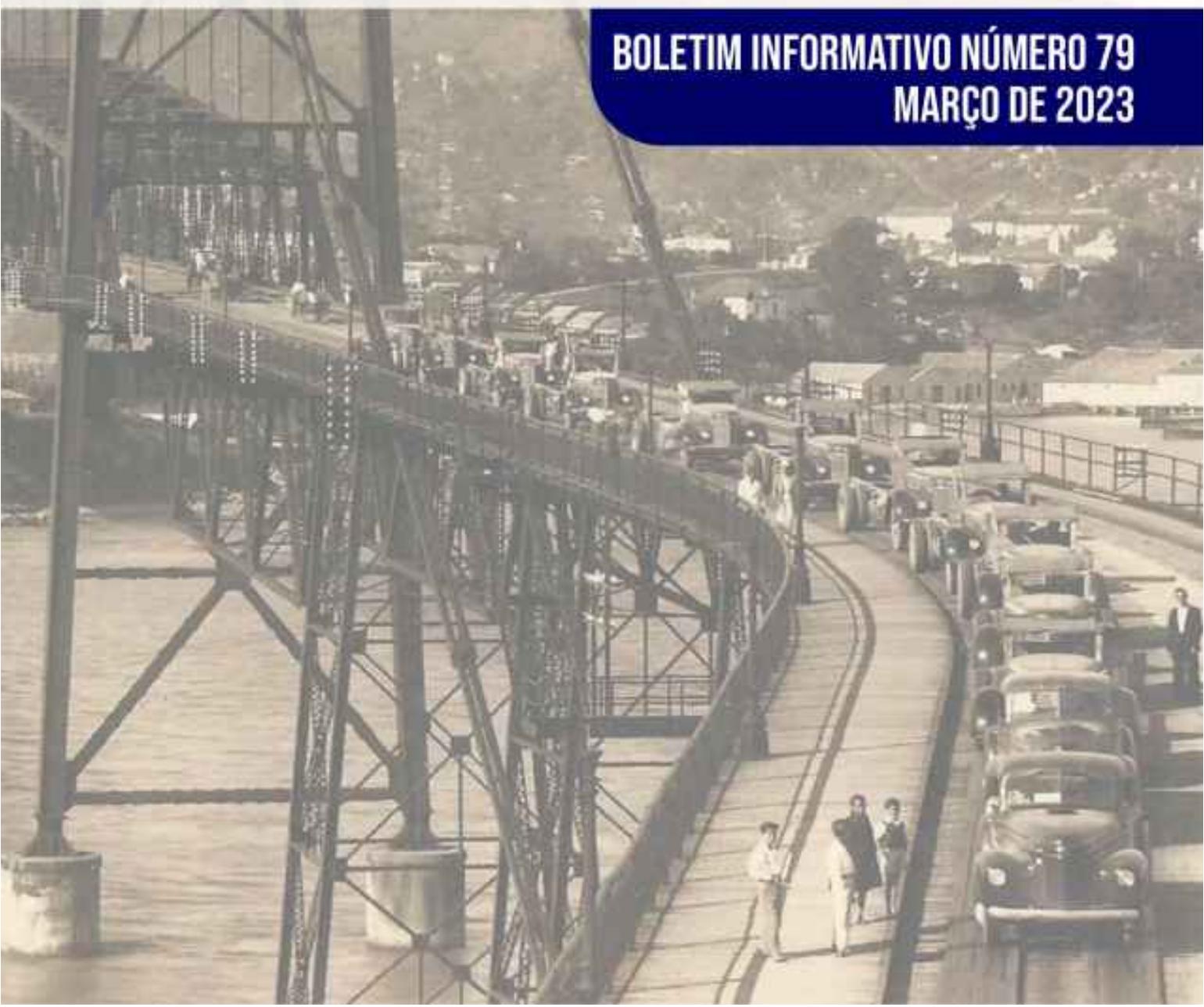




ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

**BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 79
MARÇO DE 2023**





Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
AFSC
Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux
CEP 88010-560 - Florianópolis, SC
Caixa Postal 229 - CEP 88010-970

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2021 para o período de agosto/2022 a agosto/2023:

Presidente:.....Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:.....Demétrio Delizoicov Neto
Primeiro secretário:.....Romeu Odilo Trauer
Segundo secretário:.....Luiz Antônio de Oliveira Horn
Primeiro tesoureiro:.....Bernardo Bihl Lopes
Segundo tesoureiro:.....Fred Leite Siqueira Campos
Diretor de Sede:.....Cezar Augusto de Moraes Bolzan

Conselho Fiscal:

Lucia de Oliveira MilazzoHugo Nestor Ciavattini (suplente)
Paulo Cezar da Silva.....Juliano Natal (suplente)
Rubens Moser.....Mauricio Silva Soares (suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim – Santa Catarina Filatélica.

Para suporte aos dispêndios decorrentes de suas atividades, a AFSC depende principalmente da arrecadação de anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2021:

Efetivos – residentes na Grande Florianópolis, com idade a partir de 18 anos R\$150,00
Juvenis – com idade inferior a 18 anos R\$20,00
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis R\$50,00
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil US\$35,00

ASSOCIE-SE!

www.afsc.org.br afsc@afsc.org.br

Reuniões regulares:

Quintas-feiras a partir das 18:30 horas e Sábados a partir das 14:30 horas

SCF – Santa Catarina Filatélica – Boletim semestral da AFSC – desde 1949

Para anunciar neste Boletim:

Página inteira: R\$70,00 / Meia página: R\$40,00 / Terço de página: R\$30,00
Terceira capa: R\$110,00 / Quarta capa: R\$140,00

Florianópolis, março de 2023.

Organizadores: Peter Johann Bürger e Milton Milazzo Jr.

Revisão textual: Lucia de Oliveira Milazzo.

Diagramação e Capa: Fagner Maximo da Silveira.

Capa: **Ponte Hercílio Luz, anos 40.**

Imagem disponível em:

<https://blog.giacomelli.com.br/2011/03/23/florianopolis-285-anos-de-historia/>



Índice

Palavras do Presidente	04
Cartieri Pietro Miliani – Fabriano – Itália Impressores de papel-moeda?	05
Cotação e Preço	21
Como reconhecer um selo falso	24
SCF entrevista Sérgio Laux	26
Pequena história da Rússia contada com uso de algumas de suas emissões postais – Parte I	30
Mate, madeira e couro: a propaganda dos produtos catarinenses por meio do carimbo mecânico nas décadas de 30 e 40	36
Numismática paulista - A Revolução de 1932	44
Campo Alegre – Santa Catarina	54
Na filatelia: Códigos de barras, QR-Codes e Cripto Selos	59
Colecionar faz bem às crianças? A Ciência diz: sim!	63
Florianópolis nas lentes do Foto Postal Colombo	66

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como o que se refere ao uso de imagens.

Palavras do Presidente

Desafios nos estimulam a sermos melhores. Os três últimos anos foram difíceis para todos. A pandemia da Covid-19 nos deixou isolados, sem a costumeira movimentação e interação pessoal. Deixou-nos todos introspectivos.

Mas a AFSC não esmoreceu. Somos um time que não tem medo de cenários adversos. Buscamos, continuamente, oportunidades para agregar benefícios ao colecionismo e aos associados.

Gradualmente, eventos filatélicos e numismáticos retornam à normalidade. Os Encontros de Colecionadores voltaram, com grande afluxo de participantes e comerciantes. Nas exposições filatélicas, despontam novas coleções e, outras, podemos ver que foram revistas, na época do confinamento. Novas publicações vêm surgindo.

Temos a certeza de que estamos no caminho certo. Agradecemos a nossos colaboradores, que sempre nos prestigiaram, e os convidamos a continuar conosco nos anos vindouros. Como diz a velha sabedoria popular, após a tempestade vem a bonança. Plantamos raízes sólidas, que nos dão confiança de que continuaremos a crescer, na árdua tarefa de desenvolver a cultura representada pelo colecionismo.

Luis Claudio Fritzen
Março de 2023



Cartiere¹ Pietro Milani - Fabriano - Itália Impressores de papel-moeda?

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)



Figura 1 – Cédula de 200 mil-réis (Corte diagonal) da 13ª Estampa do Tesouro Nacional, Série 4ª, Número 026542, (R149a; P.78b), 1916-1950 (Falsa de época). Dimensões: 184 mm X 83 mm². Cores: anverso – estampa em negro sobre fundo ocre; reverso – estampa violeta. Método de impressão³: litografia e tipografia. Assinatura: duas chancelas. Filigrana: no medalhão oval, simulacro de marca d'água, Efigie do Barão do Rio Branco de perfil⁴. O exemplar apresenta três vezes o carimbo de falsa da Caixa de Amortização, na cor verde, em ambos os lados: “**FALSA Caixa de Amortização**”. Foi cortada na diagonal após a perícia. As cédulas originais foram impressas pela “**Cartiere Pietro Milani**”, tradicional fábrica de papel situada em **Fabriano**⁵ na Itália. Foram fabricadas 700.000 cédulas (sete séries), sendo que as seis primeiras séries⁶ receberam duas chancelas e as da sétima, uma assinatura simples. O exemplar apresenta rasgos nas laterais, indicando, certamente, que foi retirado de processo administrativo.

Introdução

O Tesouro Nacional foi o órgão que, desde 1827, se ocupou do Meio Circulante impresso até a criação do Banco Central do Brasil na década de 1960. Inicialmente, imprimiu suas próprias cédulas (cédulas e conhecimentos para o recolhimento das moedas de cobre das Províncias do Império).

Em 1835, o Tesouro Nacional deu início à emissão em caráter nacional e passou a encomendar as cédulas a impressores estrangeiros. Assim, de 1835 a 1870, a

¹ Em língua vernácula significa fábrica de papel.

² As dimensões da cédula original são de 186 mm X 87 mm.

³ Da cédula original.

⁴ Marca d'água imperfeita, mas suficiente para iludir. Na cédula original ainda teríamos, na parte inferior, numa faixa, a marca d'água: 200 MIL-RÉIS.

⁵ Da Província de Ancona, centro da Itália (221 Km de Roma).

⁶ Existem exemplares da primeira série (com ares de originais) com assinaturas simples.

empresa inglesa, *Perkins Bacon & Petch* (PB&P.)⁷ e seus sucessores, imprimiram, com exclusividade, as cédulas do Tesouro Nacional, num total de quarenta e uma estampas.

Em 1870, a PB&P perdeu o contrato e a empresa estadunidense *American Bank Note Company* (ABNCo.)⁸ passou a imprimir as cédulas do Tesouro Nacional, com exclusividade, de 1870 a 1900.

Em 1900, por uma questão de economia de divisas, diversificação de fornecedores e uma gama de outros fatores, decidiu-se encomendar as cédulas a outros fabricantes. Assim é que, a partir de 1900, a empresa inglesa *Bradbury Wilkinson & Co.* (BWC), imprimiu oito estampas para o Brasil.

Em 1903, a ABNCo. adquiriu a BWC⁹ e a manteve como subsidiária autônoma, acabando com a concorrência.

Nesse mesmo ano (1903), tivemos nova tentativa de diversificação de fornecedor¹⁰ com o “*Banque de France*” (BDF)¹¹, que forneceu várias estampas e inclusive material e *know-how* para se imprimir as cédulas no Brasil. O projeto não teve seguimento (burocracia, falta de vontade política, mudança de Governo, etc.).

Em meio a essas tentativas, a ABNCo., que teve suas encomendas paralisadas por um curto período, de 1900 a 1907, continuaria a fornecer o essencial para a circulação monetária brasileira.

Em 1914, tivemos nova tentativa com a fábrica de papel italiana, já que, como veremos, não se tratava, necessariamente, de uma empresa impressora de papel-moeda e sim de uma fabricante tradicional de papel, inclusive de papéis especiais, filigranados.

Em 1920, tivemos uma tentativa bem-sucedida¹², apesar de efêmera, na fabricação de cédulas pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (1920-1924). Suas cédulas chegaram a corresponder a cerca de 10% do Meio Circulante do período. Mas, pela falta de investimentos, o projeto acabou sendo abandonado.

Posteriormente, em 1936, a última tentativa, com a *Waterlow & Sons Ltd.* (W&S). Nesse caso, pensamos que se tratou apenas de economia de divisas e não uma tentativa de substituição de impressor, já que a empresa inglesa, por causa do escândalo das cédulas portuguesas de 1925¹³, não mais poderia concorrer realmente com a ABNCo., mesmo tendo os preços inferiores aos do fornecedor americano.

A ABNCo. sofreria real concorrência somente com a impressão do Cruzeiro, a partir de 1948, com a *Thomas De La Rue* (atual *De La Rue*). Sendo que veio a perder em definitivo os contratos em 1970, juntamente com o impressor inglês.

⁷ Veja sobre esse assunto a matéria de nossa autoria intitulada: “*A Perkins Bacon & Petch (PB&P) e as cédulas impressas para o Tesouro Nacional (1835-1870)*”, publicada no Boletim da AFSC nº 73 de agosto de 2018, págs.4-23. Esta matéria foi republicada no Boletim da SNB nº 76 de 2019, págs.8-39.

⁸ Veja sobre este assunto a matéria de nossa autoria intitulada: “*American Bank Note Company (1795-c.1990)*”, publicada no Boletim da AFSC nº 77 de março de 2022, págs. 4-14.

⁹ A empresa continuou existindo como subsidiária autônoma até ser adquirida pela *De La Rue* em 1986. Foi fechada definitivamente, por iniciativa da *De La Rue*, em 1990.

¹⁰ Neste caso poderemos mesmo chamar de uma tentativa de substituição do fornecedor, caso o projeto tivesse logrado êxito.

¹¹ Veja sobre esse assunto a matéria de nossa autoria intitulada: “*O Meio Circulante no início do Século XX e a Série Francesa*”, publicada no Boletim da AFSC nº 72 de agosto de 2017, págs.4-23.

¹² Considerando-se os meios disponíveis na época.

¹³ Veja sobre este assunto a matéria de nossa autoria intitulada: “*Waterlow & Sons impressores de papel-moeda e outros documentos de segurança (1810-1961)*”, publicada no Boletim da AFSC nº 66 de agosto de 2012, págs.4-15.

Assim, voltando ao fornecedor italiano, *Cartiere Pietro Milian* (CPM), podemos incluí-lo nas tentativas de diversificação ou substituição de fornecedor que não lograram êxito.

Como todas as outras empresas¹⁴, a CPM sofreu enormemente com a falsificação, como pode ser constatado pela figura 1¹⁵.



Figuras 2 e 3 – Sobreposição do anverso e reverso da figura 1, 200 mil-réis (cédula falsa de época) com um *specimen* do mesmo valor.

¹⁴ Deixando de lado a ABNCo., que também sofria com a falsificação, mas que contava com material de melhor qualidade, mais elaborado e com técnicas superiores como a calcografia.

¹⁵ Segundo o perito criminal Carlos M. Eboli, em matéria na Revista Casa da Moeda, Ano I, n° 6, de 1947, p.45, as cédulas de 200 Mil-Réis da 13ª Estampa, das séries 4ª e 5ª, sofreram, particularmente, com a falsificação.



Figura 4 – Edifício central da fábrica de papel de Fabriano, saída de funcionários, 1901. (*Cartiera centrale di Fabriano – uscita del personale*, 1901).

Fonte: <https://fabriano.com/fr/apercu/>

A *Cartiere Pietro Miliani* (CPM) situa-se em Fabriano, na Província de Ancona, no centro da Itália. A empresa foi fundada, em 1782, por *Pietro Miliani* (1744-1817), que renovou a tradição de Fabriano na fabricação de papel. A empresa resultou da união de diversas fábricas de papel já existentes.

Em 2002, a empresa foi adquirida pelo grupo *Fedrigoni SpA* que pertence ao fundo americano *Bain Capital* depois de 2017. Ela possui quatro fábricas, operando na região de Marches, com cerca de 550 funcionários e com mais de 3000 produtos no catálogo.

O papel é produzido em Fabriano desde o Século XIII (cerca de 1260)¹⁶. Apesar da imprecisão das informações, Fabriano seria o primeiro fabricante de papel da Europa cristã, precedido, apenas pela Espanha e Sicília, muçulmanas.

Além da invenção de diversos maquinários hidráulicos utilizados na fabricação do papel, em Fabriano inventou-se a *filigrana*, cujo registro mais antigo data de 1282.

A fabricação do papel se desenvolveu durante os séculos XIV e XV, sendo Fabriano um dos principais fornecedores de Veneza e Florença.

“O mérito dos fabricantes de papel de Fabriano não reside apenas na antiguidade, mas também na beleza, na brancura e na excelência do papel, sem rival na época e que nos Séculos XIV e XV era enviado a todos os países civilizados”¹⁷

¹⁶ Anotações em atos notariais mencionam a venda de papéis em 1276 e são conservados nos arquivos municipais da cidade papéis datados de 1283.

¹⁷ In : *Dictionnaire géographique d'Italie pour servir à l'histoire de l'imprimerie dans ce pays. Vol.I par Giuseppe Fumagalli, 1905, p.105.* Tradução, interpretação e adaptação nossa.

Com a expansão da fabricação do papel para outras regiões da Itália e da Europa, houve um declínio progressivo de Fabriano na produção de papel, até que, em 1780, *Pietro Miliani* deu um novo direcionamento ao setor.

A empresa concentrou-se na produção de papéis especiais, inclusive filigranados, destinados a artistas e, posteriormente, à produção de papel-moeda.

Já em 1788, temos a primeira experiência da empresa na produção de papéis filigranados para a impressão de bilhetes, assim é que produziu o papel filigranado empregado no bilhete do “*Sacro Monte Della Pieta di Roma*”, no valor de 80 *scudi*.

Temos notícias de que, no século XIX, na gestão de *Giuseppe Miliani* (1816-1890), foi dado novo início ao desenvolvimento de papéis de segurança, para a produção de cédulas bancárias¹⁸; ele também transformou uma empresa familiar num grande complexo industrial.

Em 1906, *Giovanni Battista Miliani*, o último representante da família na direção da empresa, constituiu¹⁹, em 6 de junho de 1906, a “*Cartiere Pietro Miliani Soc.an*”, (1906-1931) ou seja, a *Cartiere Pietro Miliani Sociedade Anônima*, com a qual o Brasil, em 1910 (Caixa de Conversão) e 1914 a 1918 (Tesouro Nacional) e a Bolívia, em 1914, contrataram a impressão de material fiduciário.

A empresa, também, tornou-se fornecedora exclusiva da “*Officina Governativa delle Carte Valori di Torino*”, atualmente “*Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato*”, que produzia a Lira italiana.



Figuras 5 e 6 – Cédula de 50 Liras da Itália, Série 0643, Número 017327, “*Biglietto di Stato a Corso Legale*”, (P.91a), 1951. Dimensões: 106 mm X 66 mm. Filigrana: No medalhão, temos o valor da cédula “50” entre linhas onduladas. Essa cédula foi impressa pelo “*Istituto Poligrafico dello Stato*”²⁰ que, em 1978, passou a se chamar “*Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato*”. É possível que o papel empregado na impressão dessa cédula tenha sido produzido em Fabriano, pela *Cartiere Pietro Miliani*, inclusive a filigrana, que nessa cédula tem um belo efeito visual.

A empresa sofreu perdas durante as duas Guerras Mundiais, notadamente durante a 2ª Guerra, e viu muitas de suas instalações destruídas.

A parte da empresa dedicada à produção de papel fiduciário, *Fabriano Security*, funcionava, na prática, como uma empresa estatal. Como vimos, em 2002, ela foi “privatizada” e, em 2017, vendida para um fundo americano, o *Bain Capital*.

¹⁸ Não temos a data precisa, no entanto, em 1893 a empresa recebeu um certificado de propriedade industrial referente a novas técnicas desenvolvidas para a fabricação de papel-moeda.

¹⁹ Alteração social do nome da empresa. A empresa passou por cinco alterações sociais desde 1782.

²⁰ Na margem esquerda do anverso da cédula, consta o nome do impressor “*L.P.S OFF. CARTE-VALORI*”.

A empresa produzia até recentemente (2022) o papel destinado à impressão do Euro, ou seja, um euro sobre três era impresso sobre o papel da antiga *Cartiere Miliani*, em Fabriano²¹.

Em 2022, ela corria o risco de ser vendida aos ingleses, que não mais fazem parte da União Europeia e de um momento a outro poderiam tomar posse de uma das principais empresas produtoras de papel-fiduciário implicadas na produção do Euro.

Até pouco tempo, a produção de cédulas bancárias fazia parte do setor estratégico da indústria. Atualmente, com o desenvolvimento de novas tecnologias, como os cartões e os meios de pagamento eletrônicos, esse setor vem diminuindo de importância.

Essa tendência foi acentuada por ocasião da epidemia da *Covid 19*, período em que os pagamentos em espécie foram, em grande parte, restritos em diversos países.

A Produção de cédulas (1910-1918)



Figura 7 – Edifício da Caixa de Amortização²², na Avenida Rio Branco, na área central do Rio de Janeiro. Detalhe do reverso da cédula de 200 Mil-Réis (P.78; R149), da 13ª Estampa do Tesouro Nacional, 1916-1950. Impressão: *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM). A gravura, provavelmente baseada numa fotografia da época, difere de todas as outras que tivemos a oportunidade de analisar, notadamente pelo prédio em segundo plano que, acreditamos, ser uma visão artística, apenas semelhante ao que de fato existia naquele local.

No que diz respeito à produção de cédulas para o Brasil, a *Cartiere Pietro Miliani* (CPM) forneceu para a Caixa de Conversão e para o Tesouro Nacional.

Para a Caixa de Conversão, imprimiu os bilhetes de 10 Mil-Réis (P.101/R.176) e 50 Mil-Réis (P.102/R.177), ambos emitidos em 1910.

Para o Tesouro Nacional, imprimiu cédulas de 10 Mil-Réis (P.35; R106), 50 Mil-Réis (P.55, R126), 100 Mil-Réis (P.67; R138), 200 Mil-Réis (P.78, R.149), 500 Mil-Réis (P.88; R.159) e 5 Mil-Réis (P.25; R096), de 1914 a 1918.

²¹ Fabricado pela divisão *Fabriano Security*.

²² O prédio foi inaugurado em 1906. Vejam sobre o assunto a matéria intitulada “*Prédio da Antiga Caixa de Amortização Ícone Histórico e Numismático*” publicado no Boletim da AFSC nº44 de março de 1998, págs. 7-20.

Para a Bolívia, imprimiu apenas um valor, 1 Boliviano (P.104), mesmo assim em parceria com a “*Officina Carte Valori Turati Lombardi C. Milano*”, para o reverso. Essa cédula, a que tudo indica, foi emitida em 1914.

Não encontramos mais nada sobre a produção efetiva de cédulas para outros países, mesmo nos arquivos da “*Fondazione Fedrigoni Fabriano*”, que tutela o patrimônio herdado da *Cartiere Miliani Fabriano*.

Nesses arquivos existe menção à realização de filigranas, para o Banco da Itália, para bancos privados italianos, para a Argentina, Bolívia, Brasil, Estados Unidos e outros. As filigranas eram empregadas também em outros documentos, como por exemplo, em certificados de ações, cheques, selos, diplomas, etc. e não apenas no papel-moeda.

Consta ainda nos relatórios, a produção de filigranas para cédulas de pesos argentinos, francos franceses, e outras mais. Não sabemos se estas filigranas chegaram a ser utilizadas.

Assim, a empresa teria produzido apenas as cédulas para o Brasil e para a Bolívia e fornecido papel filigranado para outros impressores. É em que acreditamos no momento.

Vejamos a produção de cédulas para o Brasil²³.

A. Caixa de Conversão – Brasil (emitidas) 1910 Filigrana: Armas da República

1. 10 Mil-Réis	P.101; R.176	2ª Estampa	1910-1931	140 mm X 64 mm	100.000
2. 50 Mil-Réis	P.102; R.177	2ª Estampa	1910-1931	176 mm X 89 mm	200.000

Caixa de Conversão – Brasil (modelos não utilizados)

10 Mil-Réis	P.-; R.-	2ª Estampa	c.1910	-	-
20 Mil-Réis	P.-; R.-	2ª Estampa	c.1910	-	-

Para a Caixa de Conversão, foram impressos apenas dois bilhetes, de 10 e 50 Mil-Réis. O bilhete de 10 Mil-Réis é singelo, não apresentando nenhuma imagem figurativa, apenas formas geométricas. O bilhete de 50 Mil-Réis traz, no anverso, a imagem do prédio onde funcionou a Caixa de Conversão (1910-1913) na Rua 1º de Março 42, no Rio de Janeiro. O prédio havia sido construído para abrigar o Banco do Brasil, mas foi transferido para o Patrimônio Nacional para saldar um débito com o Tesouro. Além da Caixa de Conversão, abrigou também a Caixa de Amortização (1898-1910). Hoje é ocupado pelo Tribunal Regional Eleitoral.

Nos modelos não aprovados, o prédio da Rua 1º de Março aparece no reverso do bilhete de 10 Mil-Réis e o prédio da Avenida Rio Branco, no anverso do de 20 Mil-Réis.

²³ Na tabela, apresentamos o Valor da cédula, a catalogação internacional e a brasileira, a estampa, o ano de emissão e de desmonetização, as dimensões e o total emitido ou impresso.



Figura 8 – Anverso do bilhete de 10 Mil-Réis (*specimen*) da 2ª Estampa (P.101; R.176) da Caixa de Conversão (1910-1931). Dimensões: 140 mm X 64 mm. No centro, temos um medalhão circular com filigrana – Armas da República. Apresenta uma obliteração em italiano “ANULLATO”, ou seja, anulado. Impressão em litografia de *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM). O bilhete era lastreado em ouro amoadado “ao câmbio de 16 dinheiros por 1\$”, conforme a Lei nº2357 de 31 de dezembro de 1910. O projeto da Caixa de Conversão tinha como objetivo a estabilidade cambial que não logrou êxito. Em 1913, encerrou sua atividade emissora, e os bilhetes foram sendo recolhidos com ágio e perderam, definitivamente, o valor em janeiro de 1931.



Figura 9 – Reverso do bilhete de 10 Mil-Réis (*specimen*) da 2ª Estampa (P.101; R.176) da Caixa de Conversão (1910-1931). Podemos ver abaixo do medalhão circular o nome da empresa impressora “*Cartiere P. Miliani – Fabriano Italia*”.



Figura 10 – Prédio onde funcionou a Caixa de Conversão na Rua 1º de Março, constante no anverso do bilhete de 50 Mil-Réis (P.102; R.177). No reverso desse mesmo bilhete temos, sobre as Armas da República, a Efigie de Mercúrio, deus do Comércio. Em uma primeira análise pensamos na Efigie da República, mas observando mais detidamente podemos verificar a presença do Elmo Alado de Mercúrio. Cabe aqui observar que as gravuras não eram a especialidade da *Cartiere P. Miliani*, fabricante de papéis, como já tivemos a oportunidade de esclarecer.



Figura 11 – Magnífica escultura de Mercúrio com o Elmo Alado, do Palácio da Justiça, sede do Tribunal de Justiça de São Paulo, na Praça da Sé. O prédio foi construído em 1933, projeto do escritório do arquiteto Ramos de Azevedo. O prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico, em 1981. (fonte: Veja São Paulo, por Mauricio Xavier, 16/12/2016).

B. Tesouro Nacional – Brasil (emitidas) 1914-1918

1.	10 Mil-Réis	P.35; R.106	13ª Estampa	1914-1932	175 mm X 79 mm	2.000.000
2.	50 Mil-Réis	P.55; R.126	13ª Estampa	1915-1950	182 mm X 81 mm	4.000.000
3.	100 Mil-Réis	P.67; R.138	13ª Estampa	1915-1950	185 mm X 84 mm	? (500.000)
4.	200 Mil-Réis	P.78; R.149	13ª Estampa	1916-1950	186 mm X 87 mm	700.000
5.	500 Mil-Réis	P.88; R.159	11ª Estampa	1917-1932	190 mm X 85 mm	? (200.000)
6.	5 Mil-Réis	P.25; R.096	15ª Estampa	1918-1932	164 X 74 mm	? (1.000.000)



Figura 12 – Anverso da cédula de 50 Mil-Réis (*specimen*) da 13ª Estampa do Tesouro Nacional (P.55; R.126) 1915-1950. Dimensões: 182 mm X 81 mm. Impressão em litografia e tipografia sobre papel branco de *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM). No medalhão, temos, em filigrana, o busto do Barão do Rio Branco e na faixa central, 50 MIL REIS.

Para o Tesouro Nacional foram impressas seis cédulas de 5, 10, 50, 100, 200 e 500 mil-réis de 1914 a 1918.

Todas as cédulas apresentam filigrana e Brasil escrito com “Z”. Nos bilhetes da Caixa de Conversão, Brasil vem escrito com “S”²⁴. Vejamos as filigranas:

Valor	Filigrana do medalhão	Filigrana Central
5\$000	Armas da República	Cinco Mil-Réis
10\$000	Armas da República	Dez Mil-Réis
50\$000	Efigie Barão do Rio Branco	50 Mil-Réis
100\$000	Efigie Barão do Rio Branco	Cem Mil-Réis
200\$000	Efigie Barão do Rio Branco	200 Mil-Réis
500\$000	Efigie Barão do Rio Branco	500 Mil-Réis

As cédulas de 5, 10, 50 e 100 Mil-Réis não apresentam nenhuma imagem figurativa, apenas motivos geométricos.

²⁴ Nos demais bilhetes da Caixa de Conversão, que foram impressos pela *Waterlow & Sons Ltd* (W&S), Brasil vem escrito com “Z”, bem como os valores de 500 mil-réis e 1 Conto de Réis, impressos pela *Joh. Enschede en Zonen, de Haarlem* (JEZ), Holanda.

As cédulas de 200 e 500 Mil-Réis trazem, no anverso, o Brasão da República e, no reverso, o Prédio da Caixa de Amortização.



Figuras 13 e 14 – Brasão da República constante do anverso da cédula de 200 Mil-Réis e o Edifício da Caixa de Amortização na Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, no reverso da cédula de 500 Mil-Réis.

Nos relatórios do Ministério da Fazenda consta, sobre as cédulas da CPM:

1914

- “A Cartiere Pietro Milliani, de Fabriano, Reino da Itália, forneceu 700.000 outras (notas), no valor de 7.000:000\$. (Quadro n.34)”

Foram remetidos, a diversas repartições, *specimens* das notas de 10\$, da estampa 13ª.

1915

- Cédulas recebidas	Assinadas durante o ano de 1915
- 5\$000 (15ª) 1.000.000	600.000
- 10\$000 (13ª) 1.300.000	900.000
- 50\$000 (13ª) 1.000.000	1.000.000
- 100\$000 (13ª) 500.000	500.000
- 200\$000 (13ª) 300.000	
- 500\$000 (11ª) 200.000	180.000

A produção para a Bolívia:

A CPM produziu um único valor para a Bolívia, vejamos:

C. El Banco de La Nacion Boliviana²⁵ – Bolívia (emitidas) 1914 Filigrana: Mercúrio

1. 1 Boliviano	P.104	Séries A1-Z1	1914 ²⁶	? mm X ? mm	1.000.000
----------------	-------	--------------	--------------------	-------------	-----------

El Banco de La Nacion Boliviana – Bolívia (modelos não utilizados)

5 Bolivianos	P.-; R.-	Série H	c.1913	-	-
10 Bolivianos	P.-; R.-	Série H	c.1913	-	-

²⁵ Entidade que antecedeu o Banco Central da Bolívia, criado em 1928.

²⁶ Data da impressão. O ano exato da emissão é desconhecido.



Figuras 15 e 16 – Anverso e reverso da cédula de 1 Boliviano P.104 do *El Banco de La Nacion Boliviana*. No anverso, temos, na margem inferior, o nome do impressor “*Cartiere Pietro Miliani – Fabriano – Itália*” e, na margem branca do reverso “*Officina Carte Valori Turati Lombardi C. Milano*”, indicando uma parceria entre as duas empresas, uma de Fabriano e a outra de Milão. (fonte da imagem: Heritage – <https://currency.ha.com/>)

A cédula de 1 Boliviano (figuras 15 e 16) do *El Banco de La Nacion Boliviana*, é o único valor impresso pela *Cartiere Pietro Miliani* em meio a diversos outros impressos pela *American Bank Note Company*.

Como algumas cédulas impressas para o Brasil, a cédula boliviana também é singela, não apresentando nenhuma imagem figurativa, apenas formas geométricas.

O anverso das cédulas apresenta grandes variações de tonalidades nas cores, até mesmo em cédulas de uma mesma série.

O medalhão central possui uma filigrana, representando o deus do comércio, Mercúrio.



Figura 17 – Filigrana da cédula de 1 Boliviano (P.104), representando Mercúrio.

Essa cédula é praticamente uma cópia da cédula de 1 Boliviano (P.102b), impressa pela *American Bank Note Company* em 1911, substituindo-se a vinheta central pela filigrana. Os modelos não utilizados de 5 e 10 Bolivianos não escapam à regra.



Figuras 18 e 19 (página anterior) – Cédula de 1 Boliviano (P.102b) impressa pela ABNCo. em 1911, tendo como motivo central, no anverso, Mercúrio o deus do comércio e, no reverso, o Brasão de Armas da Bolívia. (fonte da imagem: Heritage – <https://currency.ha.com/>)

Conclusão

A produção de cédulas por parte da *Cartiere Pietro Miliani*, entre 1910 e 1918, nos pareceu bem singela, ou seja, exageradamente simples.

Na verdade, trata-se de uma empresa cuja atividade principal era a produção papéis especiais, e inclusive, papéis filigranados que foram utilizados, principalmente, na produção das cédulas bancárias italianas e continuam, hoje, sendo utilizados na produção do Euro.

Esporadicamente, a empresa produziu cédulas, no caso para o Brasil e para a Bolívia, naquele raio de século.

O contato entre a empresa e os clientes, no caso, Brasil e Bolívia, pode ter sido fomentado pelas Exposições Universais das quais a empresa participava ativamente. Na verdade, não encontramos nada a esse respeito. A questão é, como uma empresa de produção de papel, estrangeira, iria conseguir um contrato de produção de papel-moeda com países que tinham, em geral, poderosos fornecedores americanos e ingleses?

A produção foi pequena. Se somarmos a produção para os dois países chegaremos a 9.400.000 exemplares aproximadamente, já que para o Brasil não temos os números exatos.

Para efeito comparativo, se verificarmos a cédula de 5 mil-réis (P.24; R.95) impressa pela *American Bank Note Company* em 1913, temos 110 séries, ou seja, 11.000.000 exemplares. Aqui temos apenas um valor que por si só supera toda a produção da empresa para o Brasil e Bolívia, entre 1910 e 1918.

De qualquer forma a empresa, mais do que centenária, deixou sua marca na circulação, tanto brasileira como boliviana.

Bibliografia

AMATO, Claudio Patrick *Et al.* **Cédulas do Brasil** 1833 a 2011. 5ª edição, 2011.

A Saga do Papier. Piere-Marc de Biasi et Karine Douplitzky. Paris: Arte Éditions, 2002.

<https://fabriano.com/fr/apercu/>

Cédulas Brasileiras da República – Emissões do Tesouro Nacional. Rio de Janeiro: Banco do Brasil S.A. - Museu e Arquivo Histórico, 1965.

GONÇALVES, Cleber Baptista. **Casa da Moeda do Brasil.** Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª Edição, 1989.

Museu de Valores do Banco Central do Brasil – <http://www.bcb.gov.br/?red-museu>

PICK, Albert. **Standart Catalog of World Paper Money** - General Issues, 1368-1960, 16 th edition, Edited by George S.Cuhaj, USA, 2016.

PODDI, Stefano. Charta Nummaria – La forma: L'invenzione che há "scritto" la storia. Roma: Associazione Italiana Carta Moneta, 22/03/2020.

<https://www.associazioneanacartamoneta.it/>

TRIGUEIROS, F. dos Santos. **Dinheiro no Brasil.** Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial Ltda., 2ª edição, 1987.

ZAMBRANA, Fernando Augusto Deheza. Billetes Pietro Miliani Fabriano, en la primera emisión Del Banco de La Nación Boliviana. La Paz: Bolívia Numismática, 26/05/2020.

<https://bolivianumismatica.blogspot.com/>

Obs.: Indicamos no texto as outras fontes utilizadas, notadamente os boletins da AFSC.

Anexo:

1. Caixa de Conversão – Modelos não utilizados

Bilhetes de 10 e 20 Mil-Réis (modelos não utilizados) cerca de 1910. Impressão litográfica de *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM).



No reverso do modelo não utilizado de 10 Mil-Réis, temos o prédio onde funcionou a Caixa de Conversão na Rua 1º de Março 42, no Rio de Janeiro. Essa imagem foi utilizada no anverso do bilhete de 50 Mil-Réis. No anverso do modelo não aprovado de 20 Mil-Réis, temos o prédio onde também funcionou a Caixa de Conversão na Avenida Rio Branco. O Brasil foi grafado com “Z” nesse modelo. No reverso, temos “Mercúrio”, o deus do comércio. Notar que a numeração dos modelos é a mesma, qual seja, nº 0374422. O modelo de 20 mil-réis serviu de base para a elaboração do bilhete de 50 Mil-Réis.

2. Bilhete de 50 Mil-Réis (1910-1931) da 2ª Estampa, P.102; R.177, 176 mm X 89 mm.
Quantidade emitida: 200.000





No anverso, temos a imagem do prédio onde funcionou a Caixa de Conversão (1910-1913) na Rua 1º de Março 42, no Rio de Janeiro, onde hoje funciona o Tribunal Regional Eleitoral. No medalhão circular, temos, em filigrana, as Armas da República. No reverso, temos o valor do bilhete “50 mil-réis” e dois medalhões circulares, um contendo a filigrana já descrita e outro com a effigie de Mercúrio, deus do Comércio, como já havia destacado. Impressão em litografia por *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM).

3. *El Banco de La Nacion Boliviana* – Bolivia – Modelos não utilizados



Cédulas de 5 e 10 Bolivianos (modelos não utilizados) cerca de 1913. Impressão litográfica de *Cartiere Pietro Miliani, Fabriano-Italia* (CPM). Esses modelos, bem como a cédula emitida, foram baseados em cédulas elaboradas pela *American Bank Note Company*, substituindo-se a alegoria ou vinheta pela filigrana. (Imagens, in: *Bolivia Numismática, Billetes Pietro Miliani Fabriano, en la primera emisión Del Banco de La Nación Boliviana*, 26/05/2020).

(*) Marcio Rovere Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: sterlingnumismatic.blogspot.ca

Cotação e Preço

Peter Meyer - São Paulo, SP

Existe uma tremenda confusão no mercado filatélico que chega a ser surpreendente e irritante.

As pessoas (e até "profissionais") confundem COTAÇÃO com PREÇO.

Os catálogos de selos de QUALQUER PAÍS DO MUNDO apresentam COTAÇÕES dos selos individuais. Então, quem estabelece o PREÇO?

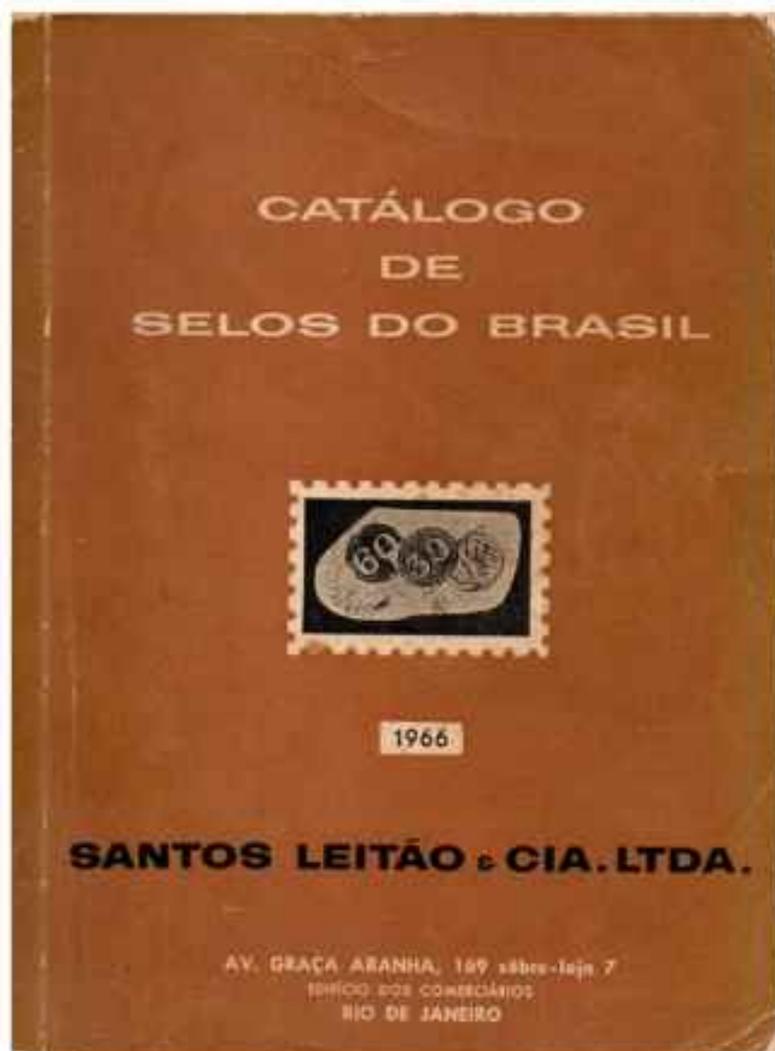
O MERCADO, evidentemente.

É frequente ouvir: **os valores que o catálogo apresenta não são reais.**

Claro que não. Ele não apresenta PREÇOS!

Então, para que serve o catálogo? Bem, ele mostra o valor relativo de um selo.

Vamos dar um exemplo.



Na edição de 1966 do Catálogo de Selos do Brasil de Santos Leitão, as cotações dos Olhos de Boi com carimbo eram as seguintes:

30 réis com carimbo Cr\$ 100.000

60 réis com carimbo Cr\$ 45.000

90 réis com carimbo Cr\$ 220.000

Assim deveriamos considerar como verdadeiramente raros:

30 réis	856.617
60 réis	1.335.865
90 réis	341.125

Na impressão foram usadas papéis de diferentes qualidades, sendo possível identificar três, a saber:

Papel grosso — de fibra de 100 micra de espessura, amarelado, úmido, macio e ligeiramente poroso.

Papel médio — de 80 micra de espessura, branco, acetinado, úmido e duro.

Papel fino — de 60 micra de espessura (por vezes acetinado, ou amarelado), úmido e lizo.

Papel fino ou médio

1 30 rs. preto	Cr\$ 200.000	100.000
2 60 rs. preto	" 120.000	45.000
3 90 rs. preto	" 450.000	220.000

Papel grosso

1a 30 rs. preto	Cr\$ 220.000	100.000
2a 60 rs. preto	" 140.000	65.000
3a 90 rs. preto	" 400.000	200.000

	●	○	●	○	○
1	200.000	100.000	—	—	330.000
2	200.000	120.000	—	—	75.000
3	400.000	100.000	—	—	200.000
1a	420.000	100.000	—	—	140.000
2a	400.000	100.000	—	—	75.000
3a	—	100.000	—	—	650.000

1-7-1944 — "INCLINADOS"

Alguns dos inclinados sobre fundo retangular, com os cantos arredondados, tendo no centro uma figura aérea. Gravados na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, em cunha de cobre, à semelhança de estampa anverso. Folha de 152 exemplares (9 a 17).

Assim sendo, 2 x 60 réis valiam quase um 30 réis e 2 x 30 réis valiam quase um 90 réis.

E hoje?

A cotação em Unidades Filatélicas do catálogo de selos do Brasil de 2019, com valores obtidos em 2018, registra:

- 30 réis com carimbo UF 1.300
- 60 réis com carimbo UF 800
- 90 réis com carimbo UF 2.700

A cotação do selo de 30 réis é cerca de 60% superior ao de selo de 60 réis e o selo de 90 réis continua sendo 2 x 30 réis.

O que foi que mudou?

A procura pelos exemplares de 60 réis ao longo desses anos todos foi muito maior e a razão é que o valor (preço) é mais acessível para o comprador.

Eu disse EM QUALQUER PAÍS DO MUNDO?

Sim, isso mesmo. É uma prática normal vender peças boas com bons descontos e isso não é apenas no Brasil.

Vamos a um exemplo prático. Oferta de um leilão realizado na Europa.

Lote; Selo aéreo "Gronchi Rosa" de 1961 novo com goma original. Famosa peça da filatelia italiana. Valor de catálogo 1.500 Euros. Valor de partida 190 Euros. Desconto de 87%.

Resultado de uma venda sob ofertas realizado no Brasil (em nosso site).

1929 – 5.000 RÉIS ETA – SEGUNDA TIRAGEM – rhm:E10 – S47486



Selo isolado de 5.000 réis ETA da segunda tiragem, novo com goma, charneira e pintas de oxidação. Valor de catálogo UF 160. Valor de venda R\$ 120,00. Desconto de 85%.

PORTANTO, LEMBRE-SE SEMPRE: PREÇO NÃO É COTAÇÃO. Cotação é apenas UMA REFERÊNCIA que, ao longo do tempo, muda bem pouco.

VEJA ISSO: Dois Olhos de Boi de 90 réis pelo Catálogo Santos Leilão de 1966 eram cotados por Cr\$ 440.000 e um 600 réis Inclinado com carimbo Cr\$ 450.000. Na última edição do Catálogo dois selos de 90 réis somam 5.400 UFs e UM selo de 600 réis Inclinado 5.500 UFs. Ops!!!!

Como reconhecer um selo falso

Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Tradução e adaptação do artigo publicado na revista Delcampe Magazine, número 13, de junho de 2007.

A democratização das técnicas modernas de impressão dos selos postais, se trouxe uma melhora na qualidade dos selos, por outro lado trouxe consequências negativas para a filatelia, ou seja, a multiplicação de selos falsos.

Assim, circulam imitações no meio filatélico, em grande quantidade, prejudicando coleções, exposições e lesando colecionadores.

A seguir, mostramos os quatro alvos mais comuns de falsificação e como podemos evitá-los.

Primeiro alvo: A cor dos selos: Prestar atenção na cor dos selos. Sabemos que os catálogos de selos nunca reproduzem exatamente todas as nuances dos selos apresentadas na ilustração. Por quê?

Simplemente porque nada é mais difícil do que produzir uma tinta idêntica a uma outra já utilizada no passado. Então, com muita frequência, a cor anormal de um selo denuncia, na primeira olhada, a falsificação. Um exemplo disso são os selos franceses "Minéraline" que existem somente na cor verde firme e uniforme. Em outras palavras, um selo "Minéraline" de um verde desbotado (verde menta) deve servir de alerta para uma possível falsificação.



FALSO

VERDADEIRO

Segundo alvo: A denteação dos selos: É inútil dizer que a maioria dos falsários não dispõem de material de trabalho do mesmo tipo encontrado nas oficinas de selos postais. Entretanto, a picotagem dos selos é frequentemente adulterada.

Como ter certeza se o selo é verdadeiro ou falso? Basta comparar as perfurações dos selos. Nos selos falsos, as perfurações são redondas, imperfeitas e de tamanhos diferentes enquanto nos selos verdadeiros, as perfurações formam uma sequência de pontos idênticos. Observar os picotes de um selo, talvez, seja o melhor modo de se descobrir se um selo é falso ou não. Essa irregularidade é sinal de que o falsário usou para fazer as perfurações, um pente (instrumento) artesanal de qualidade medíocre.



FALSO



VERDADEIRO

Terceiro alvo: O papel utilizado: É raro que os falsários tenham à sua disposição papel da época do selo a falsificar. A única exceção é quando eles, os falsários, usam as bordas originais das folhas dos selos, sobre as quais imprimem suas “produções” (operação que exige uma certa habilidade e delicadeza). No caso dos selos franceses “Minéraline” não há perigo: esses selos foram emitidos em cadernetas, não existindo bordas. Entretanto, o papel a ser usado tem de ser amarelado. Para tanto, os falsários utilizam papeis contemporâneos às suas falsificações, dando-lhes, com dificuldade, um aspecto envelhecido. A observação é uma boa aliada.

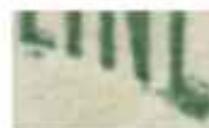
Quarto alvo: É importante confirmar as suspeitas de selos falsos, fazendo um estudo atento do desenho do selo. Um selo falso por mais que pareça “verdadeiro” terá sempre diferenças de grafismo em relação ao selo autêntico. Observar a peça com uma lupa ou microscópio permite, geralmente, enxergar alguns detalhes que denunciam claramente a fraude.

No exemplo dado abaixo, com detalhes do selo “Minéraline”, as seguintes diferenças podem ser notadas:

1 - O rosto da Semeuse é por demais preciso – tal delicadeza só é possível obter com as técnicas modernas de impressão, mas irrealizáveis na tipografia.

2 - As sombras do braço desapareceram.

3 - As letras da palavra “Minéraline” estão muito nitidas: faltam os escapes de tinta.



FALSO

VERDADEIRO

Para concluir, podemos dizer que esses tipos de falsificação podem, felizmente, ser percebidos com facilidade, contanto que tenhamos um bom senso de observação.



Pires Filatelia

Selos para coleções

Selos temáticos

História postal

Variedades, provas

Muito mais

E-mail: lpneto56@gmail.com

Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO)



Entrevista - SÉRGIO LAUX

Peter Johann Bürger - Florianópolis, SC

Sérgio Laux, entrevistado desta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica, participa do universo da filatelia desde os quinze anos. Ganhou seus primeiros selos aos oito anos. É natural de Blumenau, SC. Radicou-se em São Paulo onde estudou e desenvolveu sua carreira profissional. Atualmente, reside em Florianópolis. É membro de várias associações nacionais e internacionais.

É jurado da FEBRAF, tendo sido Presidente do Júri em duas ocasiões. É reconhecido, premiado e respeitado internacionalmente como autoridade e expoente na filatelia. Presidiu a Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina – AFSC.

O Senhor Sérgio Laux nos recebeu gentilmente para registros de sua história, seus interesses e conhecimento na área da filatelia. Agradecemos por toda a atenção dispensada e aquiescência em nos conceder esta entrevista.



Santa Catarina Filatélica - Em que data o Senhor nasceu? Sua formação e carreira profissional?

Sérgio Laux – Nasci em Blumenau, SC, em 17 março 1938. Formação: Químico com Atribuições Tecnológicas pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo – USP. Diplomado em Cervejaria pela Universidade de Louvain na Bélgica, extensão no Instituto de Ensino e Pesquisa em Cervejaria VLB, Berlim, Alemanha. Carreira Profissional: 32 anos de atividade profissional na área industrial das Cervejarias Brahma e Skol.

SCF - Qual é a sua história com os selos?

SL – Comecei a me interessar por selos postais quando, aos 8 anos de idade, recebi do meu pai um pequeno álbum ilustrado com alguns selos brasileiros e estrangeiros. Aos 15 anos de idade, tornei-me sócio da Sociedade Filatélica Paulista (SPP), em São Paulo onde residia.

Na SPP, iniciei minha formação filatélica, pois todas as quartas-feiras, à noite, lá comparecia para acompanhar as palestras, verdadeiras aulas de alta filatelia, que eram dadas por mestres como Werner Ahrens, Heitor Sanches, Horácio Mattos da Silva e outros. Essas palestras e o contato, infelizmente não muito frequente, com os mestres Helmuth Ponge e Horst Flatau, tornaram-me um filatelista clássico, tradicional, por formação e convicção.

SCF – E sobre suas primeiras coleções?

SL – Meu interesse filatélico inicial foram os selos clássicos do Chile. Em seguida, os selos do século XIX da Grécia. Ambas as coleções fazem parte do meu acervo, até hoje.

Já a filatelia brasileira foi "descoberta" por influência do mestre Horácio Mattos da Silva e, assim, iniciei os estudos sobre o Padrão Cruzeiro do Sul, emitido em 1890. O estudo desse padrão levou-me a longas pesquisas que culminaram num trabalho apresentado, em 1979, no "Concurso de literatura filatélica Francisco Sanchez", em São Paulo e que obteve como prêmio a Medalha de Ouro. Esse trabalho foi, posteriormente, publicado em edição bilingue, na Alemanha, tendo recebido grande reconhecimento no Brasil e no Exterior. Meu interesse filatélico se ampliou incluindo, atualmente, os selos postais e fiscais do Império do Brasil, México, Império Otomano e o Estado Alemão da Prússia. Sempre as emissões e a História Postal do século XIX.

SCF - Qual é a ligação entre valor monetário e valor afetivo do colecionismo?

SL - Essa ligação, na minha opinião, existe. Porém, o valor afetivo se sobrepõe a qualquer valor monetário que, sem dúvida, existe.

SCF - Qual é a sua fonte de pesquisa sobre filatelia?

SL - A fonte de pesquisa é a literatura existente sobre qualquer área filatélica, à escolha do colecionador. O acesso à literatura é absolutamente imprescindível se a pessoa quiser se aprofundar em algum campo filatélico.

SCF - Como foi sua aproximação com a AFSC?

SL - Essa aproximação foi natural de vez que eu, como catarinense, após ter-me aposentado e voltado para Santa Catarina, me aproximei de uma maneira natural dos demais colecionadores que se reuniam na Associação Filatélica.

SCF - Na sua opinião, o que a filatelia tem de melhor?

SL - A filatelia é uma excelente atividade para aliviar as dificuldades decorrentes da vida diária, para higiene mental. Nos dá uma grande oportunidade de fazer amizades e nos oferece ainda a obtenção de conhecimentos sobre história, geografia e outro assuntos sem qualquer esforço, de maneira natural.

SCF – Qual o seu comentário a respeito de coleções tradicionais e coleções temáticas?

SL – Por formação e convicção sou um filatelista clássico tradicional. Nada tenho contra a filatelia temática, que é um ramo naturalmente compreensível e válido da filatelia, porém a filatelia tradicional é a filatelia por si mesma.

SCF - Como adquire suas peças filatélicas? Mediante trocas ou compras de comerciantes filatélicos?

SL – Fundamentalmente, há vários anos faço minhas compras em leilões internacionais, de vez que as compras de comerciantes filatélicos no Brasil são limitadas pela pouca oferta de material das minhas áreas de interesse.

SCF - Quais os países que se destacam na filatelia, considerando-se a qualidade dos selos e dos temas emitidos? E dos catálogos?

SL - Na minha opinião, existe um país europeu que se destaca em matéria de qualidade dos selos, a Áustria.

Na América Latina, eu destacaria o Chile como o país mais organizado em termos de sociedades filatélicas, de literatura, de filatelia de uma maneira geral. Na Áustria, um catálogo que merece menção para selos clássicos de 1850 a 1918 é o Catálogo do Dr. Ulrich Ferchennbauer. Já a Sociedade Filatélica do Chile editou um excelente catálogo de todos os selos, inteiros postais, história postal e cartas do Chile, de nível absolutamente internacional e de primeira categoria.

SCF - No atual contexto, os Correios do Brasil têm acompanhado a filatelia mundial em termos de qualidade das emissões?

SL - Na minha opinião, não.

SCF - Que sugestões o Senhor daria para os Correios para fomentar a filatelia nacional?

SL - Veja bem, o que os Correios fazem hoje para fomentar a filatelia nacional? No meu entendimento fazem pouco, e o pouco que fazem, ainda é prejudicado, por exemplo, por não permitir a colocação de selos em cartas registradas. É bem verdade que os Correios participam em exposições filatélicas, porém, no meu parecer, estas participações não são significativas.

Por outro lado, como se quer fomentar a filatelia com a emissão de selos comemorativos que não são encontrados à venda? Faça uma experiência, vá a qualquer agência dos Correios e peça aquele selo comemorativo recentemente emitido. Ninguém tem. E não é de agora. É de muito tempo.

SCF - Nesses anos todos, fale-nos de suas participações e atividades filatélicas e premiações nas principais exposições filatélicas nacionais e internacionais. Bem como de entidades filatélicas das quais participa ou participou.

SL - Seguem os comentários sobre sua pergunta.

Exposições filatélicas e premiações:

Participou de inúmeras exposições no Brasil e exterior destacando-se:

Brápex 1988 SP - Medalha de Ouro com felicitações do Juri - Coleção "O Padrão de 1890 Cruzeiro do Sul"

Lubrapex 1992 Lisboa - Ouro com Felicitações do Juri - "O Padrão de 1890 Cruzeiro do Sul".

Brápex 2015 SP - Ouro mais Prêmio Especial - Coleção "The Revenue stamps of the Brazil Empire".

Lubrapex 2016 em Viana do Castelo, Portugal - Ouro Grande com "The Revenue stamps of the Brazil Empire"

Brápex 2019 SP - Ouro Grande - Coleção "Um antigo Estado alemão a Prússia".

Exp FIP Brasília 2017 - Ouro Internacional com a coleção "Brazil Empire D. Pedro issues 1866 to 1878".

Atividades filatélicas

Jurado nacional da FEBRAF desde 2000 nas Classes Tradicional e Fiscal.

Atuou como jurado em várias exposições destacando-se:

Presidente do Juri na Exp. Fil. Brasileira- Florianópolis 2008.

Presidente do Juri Brápex 2017 - Brasília.

Participa ou participou de várias associações filatélicas no Brasil, USA, Inglaterra e Alemanha, entre elas destacam-se:

Membro da "Royal Philatelic Society, London" GB desde 1990.

Membro da Sociedade Filatélica Paulista desde 1953.

SCF - A seu ver, os encontros de colecionadores organizados pela AFSC atendem às expectativas? E em relação a novos colecionadores?

SL - Acho que as expectativas são atendidas. Mas quanto ao fomento de novos iniciantes na filatelia, entendo que não.

SCF - Hoje a filatelia ainda atrai os jovens?

SL - Entendo que a filatelia atrai muito menos do que atraía. Mas dizer que não atrai mais, isso tenho minhas dúvidas. Hoje em dia, a filatelia sofre uma concorrência muito grande. Ainda assim os jovens têm interesse em colecionar coisas. Cito como exemplo as recentes coleções de figurinhas da Copa do Mundo. O colecionismo é espontâneo. Talvez os encontros de colecionadores da AFSC pudessem organizar programações no sentido de atrair os jovens para a filatelia.

SCF - Que conselhos o Senhor daria aos iniciantes na filatelia?

SL - Uma vez decididos os tipos de coleções que deseja fazer, o iniciante deve procurar se informar sobre a literatura existente sobre esses assuntos e entrar em contato com outros filatelistas mais experientes, que possam lhe dar orientações, inclusive para evitar decepções futuras.

SCF – Para melhor esclarecer. Sua sugestão seria uma coleção temática ou tradicional clássica?

SL – Isso segundo a vontade de cada um, nada contra uma coleção temática, nada contra uma tradicional, não implica em começar uma temática e para passar para uma tradicional ou vice-versa. Ambas podem conviver sem problemas.

SCF - O Senhor já publicou nos Boletins Informativos SCF da AFSC excelentes artigos: “Serviço de diligências entre Joinville e São Bento”; “Variedades nos inteiros postais do Brasil” e “Você coleciona SELATSOP SETRAC?”. Quais aspectos gostaria de destacar? Cite outras publicações.

SL – Com exceção do artigo “Você coleciona SELATSOP SETRAC?”, que é uma curiosidade filatélica, os outros artigos são estudos inéditos e a intenção foi justamente informar sobre dois assuntos ainda não abordados.

Outras publicações:

Além da já mencionada publicação, na Alemanha, do trabalho sobre o Padrão Cruzeiro do Sul, publiquei no Rio de Janeiro, em 2001, “Os selos fiscais adesivos do Império do Brasil”.

SCF – O Senhor poderia comentar seu estudo publicado sobre a história da Estrada de Ferro de Santa Catarina – EFSC?

SL – Trata-se de uma curiosa história do transporte de cartas em Santa Catarina pela EFSC. A ferrovia cruzava o Vale do Itajaí e foi inaugurada em 3 de maio de 1909, inicialmente ligando Blumenau à localidade de Warnow, em Indaial.

Essa operação postal na EFSC foi um caso único no Brasil. Diferente do procedimento do Correio Nacional, a obliteração dos selos era realizada por agentes das estações da EFSC com carimbos próprios, que nada tinham a ver com o Correio. Não se sabe como isso ocorreu exatamente, mas havia tolerância ou um acordo que permitiu que esse procedimento fosse formalmente admitido. Foi de um trato de confiança, mas o Correio nunca fez isso no resto do Brasil. Foi uma operação sui generis, pois a EFSC era uma empresa particular. Outro caso peculiar é que os selos eram anulados, por vezes, de forma manuscrita, inclusive com as iniciais do agente da estação. E se não bastassem os carimbos das estações, a Estrada de Ferro tinha, ainda, duas estações fluviais, em Gaspar e Itajaí, também com carimbos próprios. Provavelmente, um caso único no mundo. Pesquisei selos e correspondências sobre o assunto nos últimos quarenta anos. Se é difícil encontrar carimbos legíveis, mais difícil ainda é encontrar correspondências com esses carimbos. (Matéria publicada em <https://www.filateliaanancias.com.br/wp-content/uploads/2019/07/Blumenau-E7-P54-57-Filatelia.pdf>).

SCF – Como ex-Presidente da AFSC, que sugestões gostaria de apresentar para futuras diretorias?

SL – Sobre esse assunto sugiro considerar o documento por mim elaborado e entregue à AFSC, quando de minha gestão frente à AFSC. Cópia dele continua à disposição.

SCF - Que mensagem o Senhor gostaria de deixar?

SL - Para a vida filatélica de uma pessoa se desenvolver, continuam sendo fundamentais as associações filatélicas. Não é possível a pessoa, ao fechar-se em si mesma, achar que vai conseguir tudo o que a filatelia possibilita, sem o convívio filatélico com outras pessoas. É o contato com filatelistas mais experientes que possibilita o desenvolvimento do seu próprio conhecimento. Ou o filatelista frequenta uma associação ou fica limitado.

Por outro lado, considero como muito importantes as Exposições Filatélicas. Para quem expõe, ter a “humildade” de considerar observações apresentadas por colegas mais experientes. Para os não expositores, a oportunidade de ver outras coleções, a maneira como outros colecionadores abordam um mesmo tema, a montagem das coleções, etc. Isto é o que possibilita o desenvolvimento filatélico em todos os seus aspectos.

PEQUENA HISTÓRIA DA RÚSSIA CONTADA COM USO DE ALGUMAS DE SUAS EMISSÕES POSTAIS

Parte I

Fred Leite Siqueira Campos - Florianópolis, SC
Luís Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

A Rússia é um país colossal! Há mais de 1.300 anos, vem contando história de destaque, com heróis e vitórias. É o berço de grandes personalidades (em todas as áreas humanas). Conforme colocado pela Wikipédia (2022, p. 1):

“A Federação da Rússia (em russo: Российская Федерация) ou simplesmente chamada de Rússia é um país localizado no norte da Eurásia, com área de 17 075 400 quilômetros quadrados. É o maior país do planeta, cobrindo mais de um nono da superfície terrestre. É também o nono país mais populoso, com 142 milhões de habitantes. Faz fronteira com os seguintes países, de noroeste para sudeste: Noruega, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia (as duas últimas através do enclave de Kaliningrado), Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Também tem fronteiras marítimas com o Japão, pelo Mar de Okhotsk, e com os Estados Unidos, pelo Estreito de Bering”.

Além disso, pode-se dizer que os rigores extremos do clima e a vastidão do país moldaram certas características do povo russo. Nessa direção, Grunwald (1987, p. 8) definiu assim as principais características dos russos:

“Uma coragem passiva, mas, decidida, perseverança, considerável capacidade de resistência perante sofrimentos de toda espécie, sentido prático e uma certa melancolia. Também o desmedido é típico do caráter russo: nos últimos séculos, os russos se revelaram capazes... De voos espirituais dignos de admiração... Os russos são enérgicos, entusiasmados, ousados, destemidos, mas, como verdadeiro povo [de origem] rural, é sempre patente neles a cordialidade, a hospitalidade e a bondade”.

A ideia desse artigo é contar (um pouco) da extraordinária história do povo e da nação russa por meio de suas emissões postais. A propósito, pretende-se dividir a história da Rússia em três partes:

- 1- A formação da Rússia até o final da Era Imperial (que tratará esse texto – parte I);
- 2- A União Soviética (parte II);
- 3- A Rússia moderna (parte III).

Então, vamos à primeira parte...

Os primeiros registros arqueológicos da presença humana na Rússia datam de cerca de 1.000 anos antes de Cristo. O povo que habitava o sul da atual Rússia eram os citas. A colonização da atual parte sudeste da Rússia europeia (por tribos eslavas), por sua vez, data de cerca de 300 anos (depois de Cristo). Mas, a data “oficial” de fundação do Império Russo (em Novgórod) é o ano de 862 (pelo rei escandinavo Rurik). Já em 865, é fundada a Rus de Kiev (na atual cidade ucraniana).

No entanto, no início do século XIII, uma catástrofe histórica provoca o fim do Principado de Kiev e da sua promissora civilização: a invasão mongol (que durou mais de 200 anos).

Vários conflitos, lutas e guerras marcaram a história do povo russo até que conseguiram vencer e expulsar os mongóis e passaram a construir um novo Império (com capital na atual cidade de Moscou).

Por várias características próprias da história russa, o Império de expandiu (tanto para leste quanto para oeste) e figuras/líderes importantes surgiram...

Sob o governo de Pedro, o Grande, a Rússia foi considerada um Império importante, em 1721, e passou a ser reconhecido como uma potência mundial.

Durante seu governo, entre 1682 e 1725, Pedro derrotou a Suécia na Grande Guerra do Norte, forçando-a a ceder a Carélia e a Íngria (duas regiões que os russos haviam perdidos anteriormente), além de Reval e Livônia, garantindo o acesso da Rússia ao mar e ao comércio marítimo.

Nas margens do mar Báltico, Pedro I fundou uma nova capital chamada São Petersburgo, mais tarde conhecida como a "janela da Rússia para a Europa". As reformas de Pedro, o Grande, trouxeram consideráveis influências culturais da Europa Ocidental para o país.



A czarina Catarina, a Grande, continuou o trabalho de Pedro, derrotando a Polônia e anexando a Bielorrússia e a Ucrânia, outrora a nação fundadora daquele Império.

Catarina assinou um acordo com o reino da Geórgia de modo a evitar invasões do Império Otomano e a Geórgia passa a ser protegida militarmente pela Rússia.

Em 1812, a grande armada de Napoleão Bonaparte entra em Moscou, mas vê-se forçada a abandoná-la, já que a cidade havia sido evacuada e estava vazia.

Os russos tinham preparado uma armadilha contra o imperador francês. O frio e a falta de recursos foram responsáveis pela morte de 95% das tropas francesas. Durante o regresso de Napoleão a Paris, os russos perseguiram-no e dominaram Paris, trazendo para o Império as ideias liberais que estavam em marcha na França e na Europa Ocidental. Ainda devido à perseguição sobre Napoleão, a Rússia conquista a Finlândia e Polônia. O golpe final sobre Napoleão foi dado em 1813, quando os russos e aliados, os austríacos e os prussianos, venceram a armada de Napoleão na batalha de Leipzig.

Sucessivas guerras e conflitos vão acompanhando a Rússia até ao fim da era czarista. Sai derrotada na Guerra da Crimeia, que durou de 1853 a 1856. Mais tarde, vence a Guerra Russo-Turca e obriga o Império Otomano a reconhecer a Independência da Romênia, da antiga Sérvia e a autonomia da Bulgária.



A ascensão de Nicolau I, que governaria entre 1825 e 1855, trava o desenvolvimento da Rússia nos fins do século XIX.

A lei da servidão obrigava os camponeses a lavrarem as terras sem que pudessem possuí-las.

O seu sucessor, Alexandre II, que comandou o país de 1855 a 1881, ao ver o atraso da Rússia em relação à Europa, cria reformas que vão fazer com que a Rússia consiga um maior desenvolvimento.

O primeiro selo do Império Russo foi um selo padrão, com tiragem em massa para todos os tipos de tarifa e uso cotidiano, sem nada de comemorativo, sendo emitido via circular do Departamento Postal do Império Russo no dia 10 de dezembro de 1857. Não foram todos os distritos russos que o colocaram à venda. O uso geral desse selo em todo o território russo se deu, apenas, em 1º de janeiro de 1858, excetuados o Cáucaso, a Transcaucásia e a Sibéria, onde seu uso só foi oficializado a partir de 1º de março. Foram impressos 3 milhões desse selo, com marca d'água, sem perfurações. No seu centro, vê-se um brasão em relevo branco, do Departamento Postal do Império. Impressão "offset".



Seu projeto se iniciou em 1851, quando A.P.Tcharukovski, responsável pelo transporte postal por estrada de ferro, foi enviado, numa expedição, à Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Itália, Áustria, Suíça e Alemanha, para estudar técnicas utilizadas em selos.

No ano seguinte, a expedição retorna à Rússia, mas a Guerra da Crimeia atrapalhou a inovação postal.

Em 1856, o projeto é retomado e saem os primeiros testes de selos colados, de dois tipos: um com o brasão estatal e outro com a cabeça de Mercúrio, da mitologia romana.

Eram selos protegidos contra falsificação, perfurados, sendo cada um deles impresso com tintas pretas, azul, verde e carmim.



Em agosto de 1863, o Departamento Postal sancionou o lançamento do selo urbano de valor nominal de 5 copeques, correspondente à tarifa de postagem de cartas urbanas entre Moscou e São Petersburgo, vigorando até o ano de 1865.



O correio russo, no século XIX, era monopólio do Estado por meio do Correio Imperial. A maioria dos correios, entretanto, ficava em cidades, deixando muitas áreas rurais bem distantes dos correios mais próximos.

O *Zemstvo* (ou post Rural) foi introduzido, em 1864, para preencher essa lacuna e, a princípio, funcionou sem aprovação oficial. Em 1870, foi aprovada uma lei, formalizando os arranjos e que estabelecia que "O posto rural está autorizado a transportar correspondência ordinária, também diários, circulares, remessas, cartas registradas e outras correspondências da cidade postal, para todas as partes distantes do distrito que podem ser privadas de comunicações postais".

A lei também afirmava que "O correio rural está autorizado a empregar selos especiais sob o exposto entendimento de que seu desenho difere totalmente dos utilizados pelos Correios Imperiais". Os carteiros também não tinham permissão para usar o emblema da buzina do Posto Imperial em suas malas.



Província de Bielozersk



Província de Kungur.

Em dezembro de 1904, durante a Guerra Russo-Japonesa, por encomenda da *Real Sociedade Patriótica Feminina*, foram lançados os primeiros selos postais beneficentes da Rússia, no valor de 3 copeques, em proveito dos órfãos dos combatentes, que estavam sob a proteção da citada sociedade.



Também, durante o início da *Primeira Guerra Mundial*, houve emissão de selos beneficentes, mais exatamente em novembro de 1914, ainda a pedido da já citada *Real Sociedade Patriótica Feminina*. Parte dos recursos auferidos com esses selos se destinou à ajuda aos feridos e aos familiares dos mortos na guerra e é exatamente isto que se lê nos selos, nos quais vem escrito em letra de forma "ОБРАЗЕЦЪ" (AMOSTRA).



Em 1915, foi repetida a emissão de 1914, com ligeiras alterações. As emissões de 1884 surgiram sem grandes novidades.



Em 1913, é lançada a primeira série de selos comemorativos na Rússia, dedicados às festividades dos 300 anos da Casa Imperial dos *Romanov*. Na realidade, eram selos postais de propaganda das autoridades monárquicas e por isso lhes foi dedicada uma atenção especial, uma vez que essas autoridades estavam com a imagem abalada depois das ações revolucionárias entre os anos 1905 e 1907. A preparação da série começou em 1909 e foi supervisionada por altos funcionários, incluindo o Presidente do Conselho de Ministros da época, *Piotr Arkád'ievitch Stolýpin*.



A partir de 1917, no entanto, a história da Rússia (e do mundo) muda... Tem início a Revolução Russa e é decretado o fim do Império Russo... Mas, isso será foco de nosso próximo texto...

brazil stamps

Selos - Envelopes - Material filatélico
Classificadores, álbuns importados com
melhores preços

www.brazilstamps.com.br

ifsda
int. federation of stamp
dealers' associations

A.B.C.F.
Associação Brasileira de Filatelia

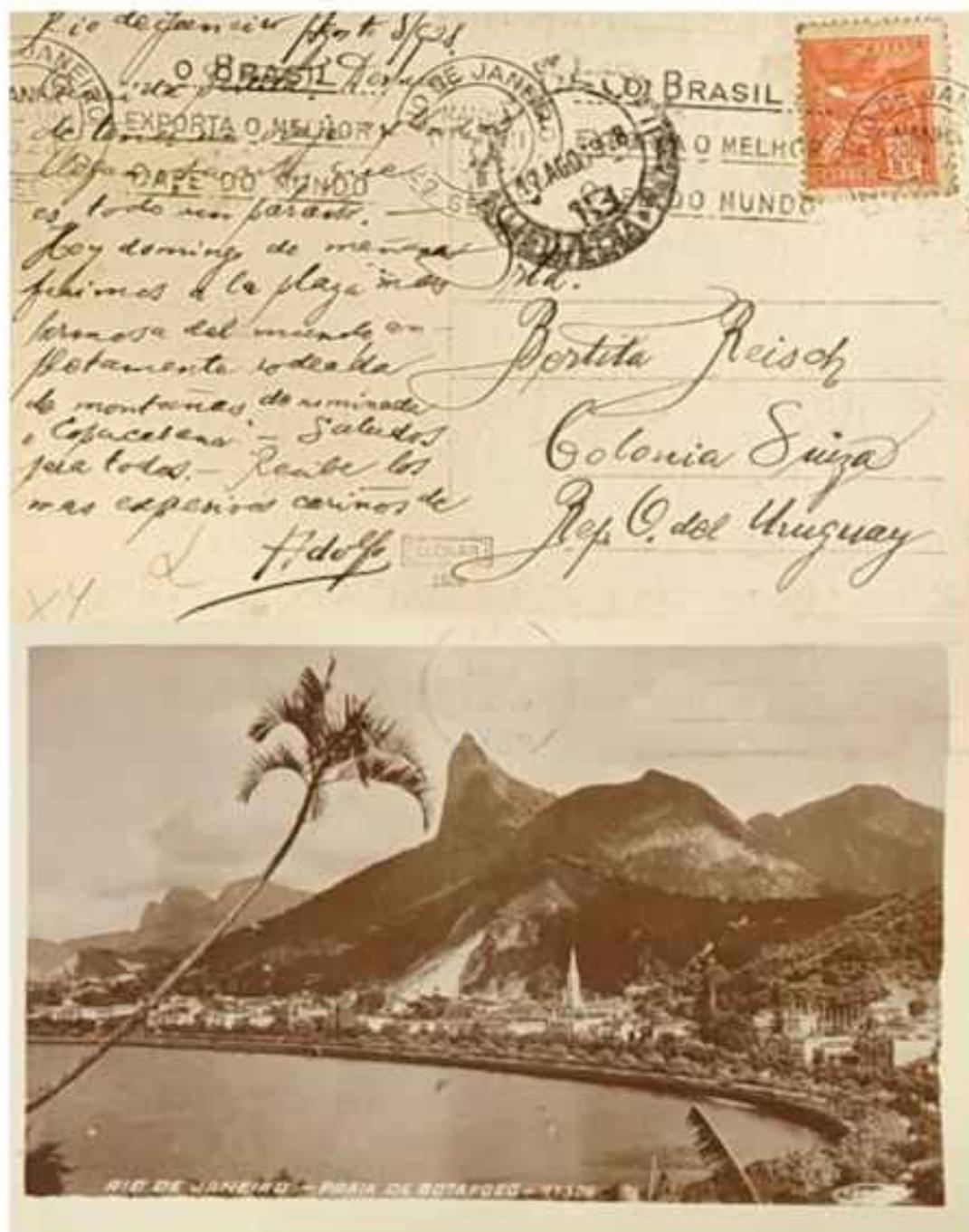
+55 85 9 9813 5016

www.brazilstamps.com.br

contactbrazilstamps@gmail.com

Na verdade, as máquinas continuavam sendo as Krag-Hansen, de origem norueguesa, mas cujo dono (Nils Krag) era sueco. Já o Hansen do nome vinha do inventor da máquina (Gustav Adolf Hansen), um mecânico que trabalhava na empresa.

Os primeiros carimbos mecânicos de propaganda eram de impressão contínua e foram usados até meados de 1932. Em meus estudos, identifiquei três mensagens publicitárias distintas, utilizando dois idiomas (português e francês), todas do Rio de Janeiro (RJ).



Carimbo mecânico de propaganda, impressão contínua, com a mensagem O BRASIL EXPORTA O MELHOR CAFÉ DO MUNDO. Cartão Postal circulado do Brasil para o Uruguai, do Rio de Janeiro (10/08/1928) para Montevideo (17/08). Trânsito em Montevideo (13/08), na parte frontal.

Em 1930 novas máquinas da Krag-Hansen entraram em operação, porém, agora de impressão simples, sendo que seu emprego se estendeu até 1950. Identifiquei até o momento vinte e nove mensagens diferentes, utilizando 4 idiomas (português, francês, inglês e esperanto), que circularam em dezesseis cidades, distribuídas em 12 estados.



Carimbo mecânico de propaganda, impressão simples, com a mensagem VISIT RIO ON YOUR NEXT VACATION – VISITE O RIO NA PRIMEIRA OPORTUNIDADE. Carta circulada no Brasil, de Porto Alegre (24/05/1934) para o Rio de Janeiro (26/05), por avião. Trânsito no Rio, no mesmo dia da chegada.

Em Santa Catarina, o carimbo mecânico de propaganda também foi utilizado, na cidade de Florianópolis, trazendo uma mensagem bilingue (inglês/português) que divulgava três produtos – mate, madeiras e couros





Carimbo mecânico de propaganda catarinense, com a mensagem MATTE TEA – TIMBER – HIDES VERY FINE PRODUCTS MATE – MADEIRAS – COUROS PRODUCTOS FINISSIMOS. Envelope com porte pré-pago, circulado no Brasil, dentro de Santa Catarina, de Urussanga (07/11/1932) para Florianópolis (11/11).

Em consulta à "Mensagem apresentada a Assembléa Legislativa, em 22 de julho de 1930, pelo General Dr. Antonio Vicente Bulcão Vianna, Presidente da mesma Assembléa, no exercício do cargo de Presidente do Estado de Santa Catharina", verifica-se que, de fato, estes três produtos eram de suma importância para a economia catarinense:

Os productos contemplados nos quadros anteriores contribuiram para o erario estadual com as importancias abaixo arroladas:

Herva mate	1.228:096\$
Madeira	1.074:486
Banha	682:715
Manteiga	240:534
Feijão	136:907
Gado	128:790
Cigarrilhos	123:365
Queijos	121:471
Couros e solas	121:043
Arroz	115:567
Tecidos e seus derivados	102:085
Produtos varios	04:727

Sobre a exportação, também se destaca na "Mensagem":

Do mate, que continua sendo o nosso principal producto de exportação, foram os seguintes os consumidores :

destino	quantidade em kilos		valor
	beneficiada	cancheada	
Argentina	667.890	12.128.191	10.236:865\$
Chile	2.256.960	—	1.805:568\$
Uruguay	111.285	—	89:028\$
Allemanha	83.663	—	66:970\$
Estados Unidos	12.168	—	9:745\$

A madeira serrada e a bruta, que constituem as principaes formas sob que é exportado este artigo, o segundo em valor no mappa de nossa exportação, tiveram os seguintes destinos:

destino	quantidade em m ³	valor
Argentina	57.029	3.221:567\$
Allemanha	29	1:612\$
Uruguay	2.859	139:805\$
Estados Unidos	99	6:639\$
Rio de Janeiro	88.727	4.874:343\$
São Paulo	33.599	2.178:708\$

Fonte: "Mensagem apresentada a Assembléa Legislativa, em 22 de julho de 1930", disponível para consulta na biblioteca digital do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro (BMF/RJ).

Ressalta-se ainda que os carimbos mecânicos de propaganda poderiam ser utilizados como “saida” – ou seja, obliterando o selo; ou ainda para marcar o “trânsito” ou “chegada” da correspondência – nesses casos, poderia ser aplicado em qualquer parte do envelope, na frente ou no verso.



Carimbo mecânico de propaganda catarinense, de saída. Carta circulada do Brasil para o Canadá, de Florianópolis (01/12/1931) para Vancouver.



Carimbo mecânico de propaganda catarinense, de trânsito. Carta circulada no Brasil, de Imbituba (12/10/1931) para Curitiba. Trânsito em Florianópolis no mesmo dia da postagem.



Carimbo mecânico de propaganda catarinense, de chegada. Carta circulada da Alemanha para o Brasil, de Bielitz (??/11/1940) para Florianópolis (25/11), por avião. Carimbo "entregue no balcão" na frente do envelope. Censura postal na origem em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

Por fim, salienta-se que, apesar de terem surgido na mesma época e com o mesmo fim, os carimbos mecânicos se distinguem das franquias mecânicas, dado que estas trazem, além do carimbo datador e da flâmula obliteradora, o valor do porte impresso, dispensando com isso o uso do selo.



Carta circulada no Brasil, de Florianópolis (12/02/1934) para Curitiba. Franquia mecânica com porte de 200 réis. Carimbo mecânico de propaganda catarinense obliterando o selo/taxa de 100 réis "prô-aeroportos".

Obs.: todas as peças deste artigo pertencem à coleção do autor.

Bibliografia & Referências

- BROFOS, Frederick. Artigo "The Krag Postmarking Machines", publicado no Boletim "The Post Horn", 1958.
- CRUZ, Henrique de Vasconcelos. Artigo "Carimbos mecânicos propagandistas do Rio Grande do Sul", publicado no Boletim n. 78 do Rio Grande Filatélico, 2017.
- EISSLER, Roberto. Artigo "Evolução das tarifas postais de 1900 a 1942", publicado no Boletim do Clube Filatélico e Numismático de Jaraguá do Sul/SC, 1991.
- EISSLER, Roberto e SOBRINHO, José Francisco de Paula. Capítulo "Tabela de portes postais" do livro "História Postal dos selos comemorativos no Brasil", 2007.
- NOVAES, Paulo Roberto. Seções "Carimbos mecânicos" e "Carimbos mecânicos propagandísticos" do site "Agências Postais".
- Pesquisas nas bibliotecas digitais da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) e do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro (BMF/RJ).

Dedicatória: Este artigo é dedicado ao amigo Roberto João Eissler, a quem devo a entrada na filatelia lá no início dos anos 90 e que desde então tem compartilhado comigo seu conhecimento e companhia, inclusive na elaboração deste artigo.



*Velhinhos
vendendo
coisas velhas!!*

*(antes de
morrerem!)*



www.lojinhadobigode.com.br

cds – vinis – vhs – dvds – livros – gibis – numismática - filatelia

NUMISMÁTICA PAULISTA

A Revolução de 1932

Gilberto Fernando Tenor - São Paulo, SP (¹)



Em 2022, comemoramos os 90 anos da Revolução Constitucionalista. Nada mais apropriado que divulgar a impressão do “Dinheiro Paulista” durante a citada revolução.

Essa impressão devemos ao Presidente Getúlio Dornelles Vargas que, para enfraquecer financeiramente o movimento revolucionário, decretou o fechamento das agências dos bancos federais no Estado de São Paulo.

A EMISSÃO DA PRIMEIRA FAMÍLIA



Governador Pedro de Toledo

Com o decreto federal e conseqüente fechamento dos bancos oficiais, o Governador do Estado de São Paulo, Doutor Pedro de Toledo, em 14 de julho, decretou a emissão de bônus divisionários pró-Revolução, com verba destinada de 100.000:000\$000 (cem mil contos de réis). Esses bônus tiveram atribuição de poder liberatório igual ao da moeda nacional.

Esses bônus tiveram seus valores e quantidades emitidas oficializados em 23 de julho, pelo Decreto nº 5.603, em cinco valores, da seguinte forma:

5\$000 réis = 500.000 bônus

10\$000 réis = 400.000 bônus

20\$000 réis = 300.000 bônus

50\$000 réis = 200.000 bônus

100\$000 réis = 100.000 bônus

Essa primeira emissão totalizou 32.500.000\$000 (Trinta e dois mil e quinhentos contos de réis). A proposta foi que, sendo restabelecida a normalidade ou as ligações regulares das agências e filiais do Banco do Brasil com a Matriz, que era no Rio de Janeiro, seriam resgatados os bônus emitidos com o produto dos cheques recebidos, que, assim, não poderiam ter qualquer outra aplicação.

Após isso, o Tesouro procederia a incineração dos bônus, à medida que fossem resgatados. Essa impressão ficou a cargo da Companhia Melhoramentos, em sua fábrica de papel no bairro paulista de Caieiras. Seus dirigentes aceitaram essa grande empreitada, já com ideia dos grandes problemas que seriam enfrentados: pouco tempo e a falta de papel de qualidade para evitar falsificações.

Com um esforço hercúleo, a empresa conseguiu produzir o solicitado em 5 dias e logo as cédulas chegaram aos bancos para serem trocadas, pelo seu valor nominal, por cheques sacados por bancos contra fundos existentes no Banco do Brasil.



Série completa de modelos da primeira família

Esses cheques eram nominativos à ordem do Tesouro do Estado de São Paulo e da mesma forma serem escriturados em separado, de maneira a não se confundirem com o movimento normal de Receitas e Despesas do Estado.

Para ilustrar as cédulas da primeira família, foram escolhidos dois bandeirantes paulistas, Domingos Jorge Velho para os bônus de 5 a 50 mil réis e Fernão Dias Paes Leme para o de 100 mil réis.

Nessa primeira emissão, nas primeiras cédulas de 5\$000, não constava, na parte inferior, o nome da casa impressora, que logo foi incluído. Achamos até o número 28.000 com essa diferença.



Cédulas com e sem a informação da casa impressora

FALSIFICAÇÃO

Os bônus ainda eram pouco conhecidos pela população em geral e dez dias após o lançamento já se tinha notícia de bônus falsos de 100\$000, o maior valor da série, circulando pela capital. Com isso, o Tesouro do Estado montou pontos de conferência dos bônus, em que um técnico da Companhia Melhoramentos e um policial verificavam as cédulas apresentadas pelos cidadãos, sendo que as falsas detectadas eram devidamente destruídas na hora.



Bônus falso de 100\$000

BÔNUS DE USO INTERNO DOS BANCOS

Foram impressos também quatro tipos de bônus de uso interno dos bancos, nos valores de 500\$000 a 10:000\$000. Sendo a primeira emissão de:

500\$000 réis = 36.000 bônus

1:000\$000 réis = 24.000 bônus

5:000\$000 réis = 6.000 bônus

10:000\$000 réis = 4.800 bônus

Com o desenrolar da Revolução, foi autorizada a impressão de novas cédulas e bônus para arcar com as despesas do conflito.



Modelos dos bônus, de uso interno dos bancos.

A SEGUNDA FAMÍLIA DOS BÔNUS

Em 14 de setembro, devido à representação feita pelo Secretário da Fazenda e do Tesouro, foram aprovados os novos Bônus do Tesouro de São Paulo, sendo eles nos valores de 5, 10, 20, 50, 100 e agora também de 200 mil réis.

Os bônus, oficializados em 23 de julho, deveriam ser trocados no Tesouro ou por intermédio dos bancos.

Para ilustrar as cédulas da segunda família foram escolhidos os seguintes personagens históricos:

- 5\$000 – Almirante Barroso
- 10\$000 – Almirante Tamandaré
- 20\$000 – General Osório
- 50\$000 – Floriano Peixoto
- 100\$000 – Duque de Caxias
- 200\$000 – Ruy Barbosa



Segunda família dos bônus

A troca, com certeza, foi feita visando dar mais segurança aos bônus em circulação, além de reforçar a identidade visual das cédulas, com os principais vultos célebres brasileiros.

AJUDAAOS CAFEICULTORES

Em 17 de setembro, o Governo Estadual autorizou a emissão de mais bônus para a aquisição de 2.000.000 de sacas de café, para garantir o valor de mercado e não prejudicar os produtores durante esse período revolucionário.

Foi autorizada a emissão de 130.000:000\$000 (cento e trinta mil contos de réis) em bônus, da seguinte forma:

De 10:000\$000 = 5.000 bônus

De 1:000\$000 = 25.000 bônus

De 5:000\$000 = 8.000 bônus

De 500\$000 = 30.000 bônus

DOAÇÃO AO GOVERNO PAULISTA

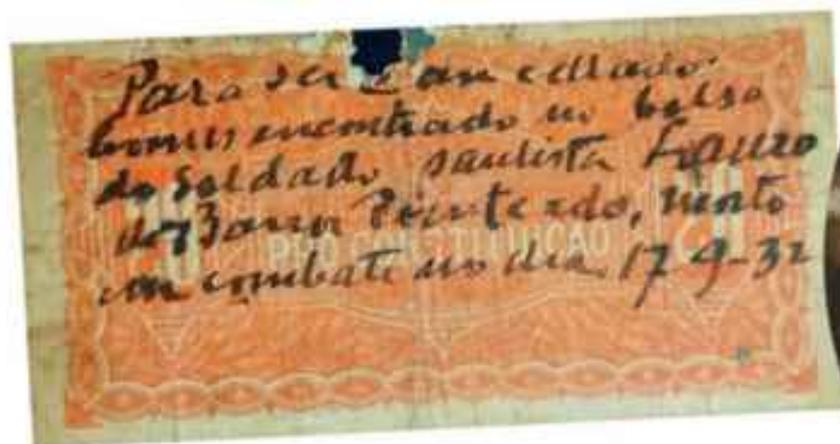
A fim de colaborar com o movimento revolucionário, muitos patriotas paulistas doaram esses bônus para serem cancelados e guardados como recordação.

Vemos inúmeros tipos de cancelamento por todo o Estado de São Paulo, por meio de carimbos ou manuscritos. Existe um carimbo “oficial”, em vermelho ou preto, com os dizeres CANCELADO POR DOAÇÃO, com uma assinatura. Possivelmente, esse carimbo ficava na capital paulista, em razão da frequência com que aparece nas coleções.



Carimbos de cancelamento por doação.
(Vermelho e preto, respectivamente)

OUTROS CANCELAMENTOS



Bônus encontrado com o soldado morto Lauro de Barros Penteado (na foto)



Outras formas de cancelamento utilizadas.

Existe também uma forma de cancelamento que não conseguimos identificar onde foi utilizada. Trata-se de um furo oval na parte central das cédulas, das duas famílias de cédulas. Cogita-se que esses furos teriam sido feitos dentro dos bancos, para cancelar cédulas que ainda estavam em suas reservas, ao fim da Revolução.



Cancelamento através de um furo oval central.



Série completa inutilizada pelo Batalhão Piratininga de Caçadores, Comandada por Rangel Pestana, para doação.

RESGATE DOS BÔNUS

Mesmo com o final da Revolução, em 02 de outubro, todos os bônus foram honrados pelo novo Governador Militar do Estado de São Paulo, General Waldomiro Castilho de Lima.

Após assumir e verificar a situação do Tesouro Estadual, deixado pelo governo anterior, em 15 de outubro anunciou que não poderia resgatar todos os bônus nesse final da guerra, em virtude de operações de café que tinham de ser realizadas sem prejuízos para o mercado. Os bônus continuariam circulando por mais 75 dias, período em que todos seriam resgatados. General Waldomiro Lima, medalha cunhada por José Peón. A emissão dos bônus, conforme o novo governo declarou, foi de 342.566:000\$000 (Trezentos e quarenta e dois mil, quinhentos e sessenta e seis contos de réis), sendo que 130.380:000\$000 (Cento e trinta mil, trezentos e oitenta contos de réis) representavam a parte de cheques, em disponibilidade, do banco e de particulares, no Banco do Brasil, que, nessa época, já estavam totalmente liquidados, ficando a circulação de valores internos reduzida a 258.571.000\$000 (Duzentos e cinquenta e oito mil, quinhentos e setenta e um contos de réis).



General Waldomiro Lima, medalha cunhada por José Peón.

Passados três dias, o General Waldomiro, solicita à Secretaria da Fazenda a emissão de 220 mil títulos de 1:000\$000 (Hum conto de réis), perfazendo 220.000:000\$000 (Duzentos e vinte mil contos de réis) para fazer o pagamento dos bônus pró-Revolução restantes. Essa emissão foi feita para preservar o valor de mercado das 2.000.000 de sacas de café que foram compradas pelo governo anterior. Os novos títulos chamaram-se "Obrigações de Resgate de bônus do Tesouro do

Estado de São Paulo” e foram entregues ao Banco do Brasil para que, a partir de 01 de dezembro, começasse o resgate dos bônus.

COLECIONISMO

Mesmo com a urgência da impressão das cédulas, a Companhia Melhoramentos foi excepcional em seu trabalho e acabou colaborando para o desenvolvimento do colecionismo dessas séries.

Foram impressas provas com a perfuração ESPECIMEN – WJC (1ª e 2ª família), AMOSTRA SEM VALOR (1ª e 2ª família) e provas sem numeração (2ª família) nos bônus divisionários. Já, nos bônus, foram impressos FAC-SIMILES.



Amostra sem Valor, produzidas para divulgação bancária



Bônus Espécime sem numeração

90 ANOS DEPOIS

Passados todos esses anos, a pesquisa sobre esse importante momento da história do Estado de São Paulo, ligado intensamente à nossa numismática, é muito interessante. Podemos ver o andamento contábil de uma Revolução, a emissão de bônus com valores de cédulas oficiais, a colaboração com os produtores agrícolas e o engajamento da população. Enfim, devemos lembrar a Revolução de 1932 como uma passagem histórica, que estará marcada para sempre na memória dos paulistas.



41 988055665

Selos - Ricardo Dal Pasqual

Loja: stores.ebay.com/selosricardo

CAMPO ALEGRE – SANTA CATARINA

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Campo Alegre é um Município brasileiro do Estado de Santa Catarina. É conhecido tanto como Paraíso da Serra quanto como Capital Catarinense da Ovelha.

O principal rio do Município é o Rio Negro, afluente do Rio Iguaçu e pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Paraná. Esse rio faz a atual divisa de Santa Catarina com o Estado do Paraná e sua nascente situa-se no alto da Serra do Mar, no limite entre Campo Alegre e Tijucas do Sul. Os principais afluentes do Rio Negro, no Município de Campo Alegre, são os rios Turvo, Lageadinho, São Miguel, Bateias e Bonito.



Mapa com localização



Vista parcial de Campo Alegre - 1953

Contam os cronistas que o primeiro homem branco que passou pelo município foi Alvar Nunes, chamado também de 'Cabeza de Vaca', explorador espanhol que acompanhou a expedição de Harveas à Flórida (EUA), em 1527, e naufragou na costa do atual Estado do Texas. Após ter sido nomeado governador da Província do Rio da Prata e do Paraguai, Cabeza de Vaca voltou à América, em 1540, a fim de restabelecer o assentamento de Buenos Aires. Em sua segunda visita à América, Cabeza de Vaca desembarcou em terras hoje pertencentes ao Brasil, tendo chegado primeiramente à Ilha de Santa Catarina, onde desembarcou com 250 homens e 26 cavalos, e iniciou sua jornada pelo sertão brasileiro, através do Caminho de Peabiru, até chegar a Assunção. Nesse caminho, foi o primeiro europeu a descobrir as Cataratas do Iguaçu.

Antes de 1800, existia na região um engenho com o nome de Mosquito, cuja proprietária era viúva e chamava-se Vicência. Com a decadência do engenho, dona Vicência construiu sua casa às margens da estrada que liga Campo Alegre a São Miguel. Com a construção da primeira habitação, outros habitantes foram chegando e logo se formou um povoado. O engenho recebeu o nome de sua proprietária.

No início do século XIX, em 1807, o lugar não passava de um pequeno povoado. Seu comércio era representado por um pequeno estabelecimento comercial de propriedade de Francisco Bueno Franco. Por volta de 1810, um senhor por nome de Antonio de Barros, chegando à localidade, construiu uma casa e, em seguida, outras casas foram surgindo. Formou-se um povoado e logo lhe deram o nome de "Mosquito de Cima" e à outra localidade, já existente, "Mosquito de baixo".

Em 1814, passaram pela localidade alguns missionários católicos, que lá pernoitaram. Na manhã do dia seguinte, celebraram uma missa, em uma palhoça, e ofereceram a imagem de Bom Jesus dos Aflitos, hoje padroeiro da cidade.

Os missionários, encantados com a paisagem plana e verde disseram: "ISTO É UM CAMPO ALEGRE". Antonio de Barros foi quem deu os primeiros passos para a colonização de Campo Alegre. Casou-se com a filha da proprietária do engenho Mosquito e deu início à construção da igreja do povoado, que só foi concluída por seu filho, Manoel Felipe de Barros. A cidade foi nomeada "Froeliches Feld", que traduzido significa "Campo Alegre".

No dia 23 de agosto de 1827, o Governo Imperial começou a medição dos lotes coloniais e construiu o primeiro rancho de Campo Alegre, na localidade de São Miguel.

Em 1851 as divisas das Províncias do Paraná e Santa Catarina ainda eram desconhecidas, o que causava muitas brigas e confusões. O Paraná considerava a divisa pelo Rio Negro, com sua nascente localizada no Quiriri, as mesmas divisas doadas à Princesa Dona Francisca por seu irmão Dom Pedro II, quando ela se casou com o príncipe de Joinville. Com a fundação da Colônia Dona Francisca criou-se a "Cia. Colonizadora de 1849" pelas mãos do então Senador Alemão, Christian Mathias Schroeder. A Companhia contratou com o Governo Imperial a colonização das terras da Princesa por europeus.

No período de 1853 a 1857, engenheiros fizeram diversas explorações para uma melhor e mais fácil subida da serra, encontrando o melhor caminho pelo Vale do Rio Seco. Em 1858, por solicitação da Cia. Colonizadora, o Governo Imperial aprovou a construção da estrada, que ligaria Joinville, São Miguel, Tijucas do Sul e Curitiba.

Quando a construção da estrada chegou onde, hoje, é a cidade de Campo Alegre, já existiam no local alguns moradores, instalados ao lado do Salto Branco.

Os primeiros registros oficiais sobre colonos em Campo Alegre e cercanias são mais antigos que a chegada dos colonos europeus que vinham através da Estrada Dona Francisca - a segunda Estrada Carroçável do Império. O livro "São Bento do Sul - Subsídios para a sua História", de Carlos Ficker, aponta, na página 156, informações a respeito.

"Assim como o Campo São Miguel, também o Campo Alegre, permaneceu inabitado até 1868, quando as primeiras explorações para o traço futuro da Estrada Dona Francisca despertaram o interesse dos especuladores e estimularam o desenvolvimento da região ao longo da estrada.

Como já vimos em capítulo anterior, um dos especuladores e grande latifundiário que reclamou as áreas do Campo Alegre, São Miguel e também do oeste de São Bento, Manoel D'Oliveira Franco, entrou em choque com a Sociedade Colonizadora quando esta iniciou a medição e demarcação das terras adquiridas do Governo Imperial.

[...] Existiam em 1879 5 famílias em Campo Alegre: Francisco Bueno, Anastácio Lima, Paulo Machado, Amâncio Alves Correia e Augusto Noronha." (FICKER, 1973)

Embora Ficker afirme que Campo Alegre só veio a ser habitada a partir de 1868, outro historiador, o professor Oswaldo Cabral, aponta em seu livro "História de Santa Catarina" rápida nota que "mesmo antes de 1860 já havia por aquelas terras (Campo Alegre) as famílias Correia, Fragozo, Baptista, Franco, Munhoz e Cubas".

A controvérsia pode ter se estabelecido pelo professor Cabral, haja vista ter Ficker um discurso pró-germanista - (forte característica de muitos dos escritores locais). Ficker sempre se posicionou abertamente contra os colonizadores brasileiros, que vinham sob auspícios do governo paranaense, sendo a favor do governo catarinense e dos colonos alemães.

Em seus livros, há muitas passagens que demonstram seu posicionamento em relação aos brasileiros, quando se dirige a eles e os tacham de especuladores e violentos. Era esse o posicionamento do Governo Catarinense e dos colonos europeus que viam na posse efetivada do colono brasileiro-paranaense um perigo para seus planos.

Eugênio Herbst em seu livro "Subsídios para a História de Campo Alegre" aponta que seu antepassado Florentino Bueno Franco se firmou em Campo Alegre, após passar por Ambrósios (Tijucas do Sul - PR) e requerer do Governo do Paraná, a posse de terras.

«Muitos outros paranaenses, a exemplo de Florentino Bueno Franco, requereram também do Governo da Província do Paraná grandes glebas de terras, no hoje, Município de Campo Alegre. Destacamos: Manoel de Oliveira Franco, Candoca Ribas, Cel. Filgueiras, famílias Ferreira e Rocha. Essas posses, principalmente as de Maneco Franco e Cel. Filgueiras, por ficarem mais perto da futura São Bento, suas divisas foram motivos de muitas brigas com os imigrantes europeus, no início da povoação de São Bento do Sul.» (HERBST, 1994).

Florentino Bueno Franco era pai de Francisco Bueno Franco, fundador da cidade e primeiro prefeito de Campo Alegre. Se Ficker diz que, em 1869, Francisco Bueno já dispunha de moradia e comércio nessas paragens, é fácil de presumir que ao menos o seu pai, o senhor Florentino, já tivesse fixado residência por ali há bastante tempo (onde, hoje, é a Campina dos Farias).

Em 1878, a Estrada Dona Francisca já era transitável e o problema de divisa entre as terras das províncias do Paraná e Santa Catarina, já estava resolvido.

A ocupação do espaço em que se instalou Campo Alegre, deu-se sobre um entreposto de parada de viajantes que faziam o trajeto entre o Sul do Paraná e Norte de Santa Catarina.

Em 1879, o Vice-presidente da Província de Santa Catarina (similar ao Vice-governador do estado), passou por Campo Alegre, com intuito de visitar a estrada Dona Francisca e conferir o progresso da colônia. A personalidade e autoridade em questão era Joaquim da Silva Ramalho. Acho interessante transcrever trechos do livro de Ficker que relata a viagem. Começo com esse trecho que fala sobre a chegada da autoridade à localidade, chamada, então, Pedreiras e, atualmente, Pirabeiraba.

"Dia 25 (de janeiro) S. Excia. e comitiva dirigiu-se, em companhia do Snr. Bruestlein, à fazenda Pirabeiraba de S. A. R. o Duque d'Aumale."

O senhor Bruestlein em questão é o administrador da colônia Dona Francisca na época. A fazenda Pirabeiraba era de propriedade do Duque d'Aumale que era irmão do Duque de Orleans esposo da Dona Francisca. Foi essa fazenda (que continha uma grande serraria) que emprestou seu nome para a comunidade anos mais tarde. Em tempo: S.A.R. é uma forma de tratamento usada para Nobres, que significa Sua Alteza Real.

O relato da viagem prossegue:

"No dia 27 de janeiro, às 3 horas da madrugada, em carro Landau, ... (citam-se aqui os integrantes da comitiva) ... às 6 horas chegaram à raiz da serra e as 9 1/2 na estação da Boa Vista, onde almoçaram. Partiram às 11 da estação e às 4 horas da tarde estavam no Campo Alegre, onde foi S. Excia, acolhido por grande número de habitantes do districto de São Bento.

- Achando-se servido de um copo de água em casa do Juiz de paz Bueno Franco, encaminharam-se todos para aquella casa para assignar uma subscrição para a criação da capella da Santissima Trindade do Campo Alegre".

O carro "Landau", à que se refere o texto, é um tipo de carruagem antiga que possui dois bancos virados de frente um para o outro. Interessante o registro do tempo de viagem de Pirabeiraba até Campo Alegre: o que hoje não levaria, normalmente, mais do que 1 hora de viagem, naquela época levava-se 11 horas de percurso!



Charrete Landau

Em 1888, o povoado de Campo Alegre tornou-se Distrito de São Bento do Sul e, em 18 de março de 1897, conquistou sua emancipação política e administrativa. A agência postal foi criada em 17 de janeiro de 1890, segundo o Boletim Postal n. 90, à fl. 226. A Serra Dona Francisca acabou transformando Campo Alegre em passagem obrigatória entre Santa Catarina e Paraná. Além da localização privilegiada, Campo Alegre ainda contava com a fartura da erva-mate.

O brilho das décadas de ouro começou a desaparecer com a abertura de novas rotas e a decadência do plantio e exportação da erva.



Carimbo de 11 de fevereiro de 1899



Envelope para Valores, 28 de abril de 1921



Carimbo de 5 de agosto de 1898

Bibliografia:

CABRAL, Oswaldo Rodrigues
"História de Santa Catarina"
Ed. Lunardelli, 1970

FICKER, Carlos
"São Bento do Sul - Subsídios para a sua História"
Ed. Livraria Ipiranga, 1973

GUATEMOSIN, Dorvalino
"Miscelânea Histórica, Postal e Filatélica Nacional"
Ed. do Autor, 1935

HERBST, Eugênio
"Subsídios para a História de Campo Alegre"
1994

IBGE
"Enciclopédia dos Municípios Brasileiros",
vol XXXII, 1959

MEYER, Peter e MEYER, Marcelo
"Catálogo dos Selos do Brasil"
Ed. RHM, 2019

OLIVÉ LEITE, Antonio
"Catálogo de Variedades, Curiosidades e Acidentes de Impressão em selos comemorativos e aéreos do Brasil"
Ed. Thurman, 1955

Na filatelia: Códigos de barras, QR-Codes e Cripto Selos

Ulrich Schierz - Porto Alegre, RS

Nos últimos anos, observamos a crescente utilização de códigos de barras e códigos QR como elementos gráficos adicionais nos selos postais. Para se compreender o que significam e para que servem, vejamos suas definições básicas quando complementam um selo. E, num passo adiante, surgem os "Cripto Selos", com funções e possibilidades ampliadas.

Vejamos, primeiramente, qual é a diferença entre um Código de Barras e um QR Code.

Código de barras - é uma sequência numérica representada por um desenho de barras com espessuras e posicionamentos diferentes. Esse código pode ser lido por um leitor ótico e, assim, identificar um produto ou material com facilidade. Por meio dele também pode ser determinado o preço do produto.

QR Code - criado em 1994, pela empresa japonesa Denso-Wave, o Quick Response Code (código de resposta rápida) ou QR Code, é uma versão bidimensional do código de barras, capaz de transmitir uma grande variedade de informações por meio de um scan. Capaz de armazenar 7089 caracteres numéricos ou 4296 caracteres alfanuméricos, incluindo pontuações e caracteres especiais, o código pode representar palavras, frases, descrições, especificações e inúmeras outras informações.



Vejamos a sequência em que os códigos vieram a ser utilizados. Os primeiros, há muitos anos, foram os códigos de barras localizados em uma das bordas de folhas de balcão, através dos quais o atendente pode ler e inserir o preço de um selo na tela que origina o respectivo comprovante de prestação de serviço. A próxima utilização de um código de barras foi observada nos rolos de selos regulares alemães, vendidos tanto nos balcões das agências como nas máquinas de venda.

Tradicionalmente, o elemento auxiliar para determinar a quantidade de selos remanescentes era, no verso de cada 5º selo, um número sequencial. Essa numeração ocorria de traz para frente. Multiplicando-se o valor do selo pelo número de selos que restam no rolo, o atendente poderia facilmente fechar o seu caixa.

A partir de 2018, o Correio Alemão passou a adotar uma pequena vinheta com um código de barras e, mediante um leitor ótico, o atendente podia ter a informação de quantos selos ainda restavam no rolo e o valor desse volume restante. Principalmente, na reposição de rolos nas máquinas de vendas, esse elemento foi de grande valia.



Inúmeros países vêm adotando a inclusão de QR Codes em seus selos, que trazem informações como o motivo de emissão, a empresa onde foi produzido, a quantidade de exemplares emitidos e, em muitos países, é permitido o acompanhamento do trajeto da correspondência, desde a postagem até a entrega ao destinatário. Como inovação, e para informar o consumidor sobre a implantação desse código, alguns países chegaram a emitir o próprio selo como QR Code.



Croácia



Emirados Árabes

A Alemanha emitiu seu primeiro selo dotado de Bar Code em janeiro de 2020. A Tunísia e o Brasil emitiram selos dotados de QR Code em 2021.



Em junho de 2019, aconteceu a primeira emissão, pelo Correio da Áustria, utilizando um QR Code num selo, também o primeiro Cripto Selo de que se tem notícia.



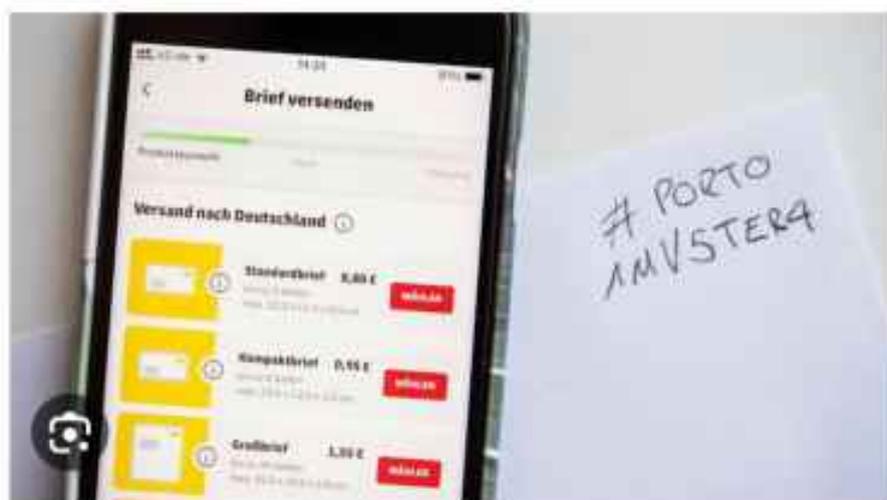
A apresentação da emissão é composta de dois elementos. O formato é o de um cartão de crédito, de mesma espessura e tamanho, dividido em duas partes. A primeira consiste em um selo a ser utilizado conforme o franqueamento previsto pelo valor facial. Esse selo pode ser destacado de seu substrato plástico, colado na remessa e postado regularmente. A segunda parte traz dois segmentos cobertos por uma camada de um material que pode ser raspado.



O valor facial do selo de € 6,90 correspondia a uma remessa para os países de União Europeia, ou os demais países europeus, de peso máximo de 2 kg e medidas não superiores a 353 mm × 250 mm × 30 mm.

Esses Cripto Selos são NFTs, mas o que é NFT? É a sigla usada para os tokens não fungíveis (Non-Fungible Token). Mas o que é ser não fungível? Significa ser único e insubstituível. Por exemplo, o bitcoin é fungível – se você trocá-lo por outro bitcoin, você terá um ativo do mesmo valor. Uma carta com NFT é única, é não fungível. Se você a trocar por outra carta, terá um objeto com valores e características diferentes. Os tokens não fungíveis são, então, representações digitais de qualquer coisa digital única. Por exemplo, uma obra de arte famosa, uma música, um Nyan Cat ou um tuíte.

A parte do cartão com os segmentos raspados nada mais é do que uma “carteira” com o valor do selo. Entretanto, o torna especial e diferenciado já que o usuário pode, ao ler o código transferir o montante total do selo ou utilizar fracionado até alcançar o valor facial do selo. Nesses casos, o código é anotado no envelope e os correios que receberem o mesmo, procedem o respectivo transporte.



Os Cripto Selos são uma variante de outro serviço que diversos Departamentos dos Correios de alguns países (notadamente europeus) oferecem aos seus consumidores. Através de aplicativos o consumidor pode adquirir valores junto ao Departamento dos Correios. O consumidor adquire, pelo aplicativo um determinado valor a ser utilizado para postar suas cartas. Cada vez que necessitar um valor de sua “carteira” recebe um código que é escrito a mão no canto direito superior do envelope. As máquinas selecionadoras dos Correios leem esse código, contrapõem com a conta do cliente e faz a obliteração e posterior postagem.

Seguindo o exemplo da Áustria, primeiro país a oferecer Cripto Selos, já há registros de muitos outros selos com essas características e, para os filatelistas, eles se tornaram um novo campo/tema de coleção, seja ela física ou virtual. A seguir alguns exemplos de emissões.

Há quatro anos, a Áustria vem oferecendo Cripto Selos. Sempre utiliza imagens de animais como elemento gráfico. A seguir alguns exemplos.



Outros países que emitiram Cripto Selos foram, por exemplo, a Suíça, a Croácia e até mesmo a ONU.



Porém, devido à reduzida quantidade de emissões, e bastante procura por parte não só de colecionadores, mas também de especuladores, os preços de mercado se elevaram a um nível quase utópico. Por exemplo, a emissão do unicórnio da Áustria em vermelho, já alguns dias após a comercialização, chegou a ser oferecido a € 10.000,00, a primeira emissão da Suíça chegou a ser vendida em um site comercial por 35.600,00 Francos Suíços.

* Ulrich Schierz
Maio de 2023

Colecionar faz bem às crianças?

A ciência diz: sim!

Telma Cristina Soares Ceolin - Vassouras, RJ (*)

Muitos pais observam que seus filhos, ainda pequenos, adoram juntar e selecionar coisas. Querem levar para casa conchinhas da praia, pedrinhas, insetos diferentes, tampinhas de garrafa, e várias outras coisas. Também apreciam ter vários modelos de um mesmo tipo de brinquedo, como bonecos, dinossauros, carrinhos, figurinhas, selos, e gostam de fazer trocas e organizar seus objetos em prateleiras, caixas e álbuns.

E por que tantas crianças gastam seu tempo assim? Temos uma resposta simples: elas se divertem com isso!

Mas o que significaria esse interesse espontâneo das crianças por colecionar coisas e qual o sentido de estimularmos essa prática?

Assim, o Projeto Colecionador Mirim, tendo como objetivo incentivar crianças e jovens para o colecionismo, foi à procura de respostas, e encontrou algumas curiosidades que gostaria de compartilhar com vocês. Não é um artigo científico, mas traz algo das ciências para nos ajudar a refletir.



Iniciamos por observar uma enquete, encontrada há cerca de um ano no site internacional Babycentre.com, que presta orientações a milhares de pais em todo o mundo. As perguntas eram se os filhos colecionavam e o quê. Entre 1453 entrevistados, 79% informaram que as crianças colecionavam alguma coisa, sendo desses, 39% objetos da natureza, 27% brinquedos e 13% itens categorizados. Supondo que objetos da natureza sejam aqueles obtidos espontaneamente pelas crianças, já vislumbramos aí uma possível tendência natural ao colecionismo. De todo modo, fomos buscar um pouco do que dizem os especialistas.

A psicóloga americana Niroshika DeSilva, por exemplo, especializada em psicologia infantil e relações familiares, em entrevista à jornalista Jessica Booth, 2020, relata que isso vem de um instinto: "a espécie humana aprendeu habilidades de caça e coleta de suprimentos necessários para a sobrevivência. Da mesma forma, as crianças podem coletar e acumular brinquedos como uma forma de estratégia de sobrevivência". Ou seja, o ato de colecionar pode estar ligado à necessidade subconsciente de sobrevivência, o que nos faz pensar sobre os motivos que nos levam a colecionar o que quer que seja.

Interessante notar que essa proposta de vocação natural para o colecionismo vem ao encontro de alguns outros dados científicos importantes, tais como a existência de achados arqueológicos cujas características sugerem tal prática desde os primórdios da humanidade. Demonstram o interesse na guarda de objetos que pertenceram aos antepassados, e registros de conotação emocional dessa prática por meio de rituais. Encontramos conteúdos importantes sobre o assunto no blog português citaliarestauro.com.

Associados à essa ideia, vimos também aspectos psiquiátricos importantes ao entendimento do colecionismo. Mas, o que a psiquiatria teria a ver com isso? Já parou para pensar que tanto as crianças em suas brincadeiras, como os adultos colecionadores, vibram ao conquistar algo que falta e está procurando há tempos?



Não parece, mas há algo mais complexo por detrás dessa aparente brincadeira e seu imenso prazer.

Senão, vejamos: uma pesquisa usando ressonância magnética sobre uma parte do cérebro chamada Núcleo Accumbens, relacionada com a recompensa, o prazer, o vício, o risco, o medo ou a reação agressiva, demonstra que há mais atividade daquela região quando uma recompensa é anunciada do que propriamente quando ela é recebida.

Ou seja, a perseguição do objetivo causa mais emoção do que o próprio momento de obtenção do objeto desejado. Algo a se pensar, não é?!

Assim, ficamos com tais reflexões, aproveitando a oportunidade para reforçar os desdobramentos educativos e culturais do colecionismo e sua contribuição na formação infantil, no aprendizado e na construção da identidade própria, sendo essas conclusões praticamente unânimes nos estudos que abordam os méritos do colecionismo na infância:

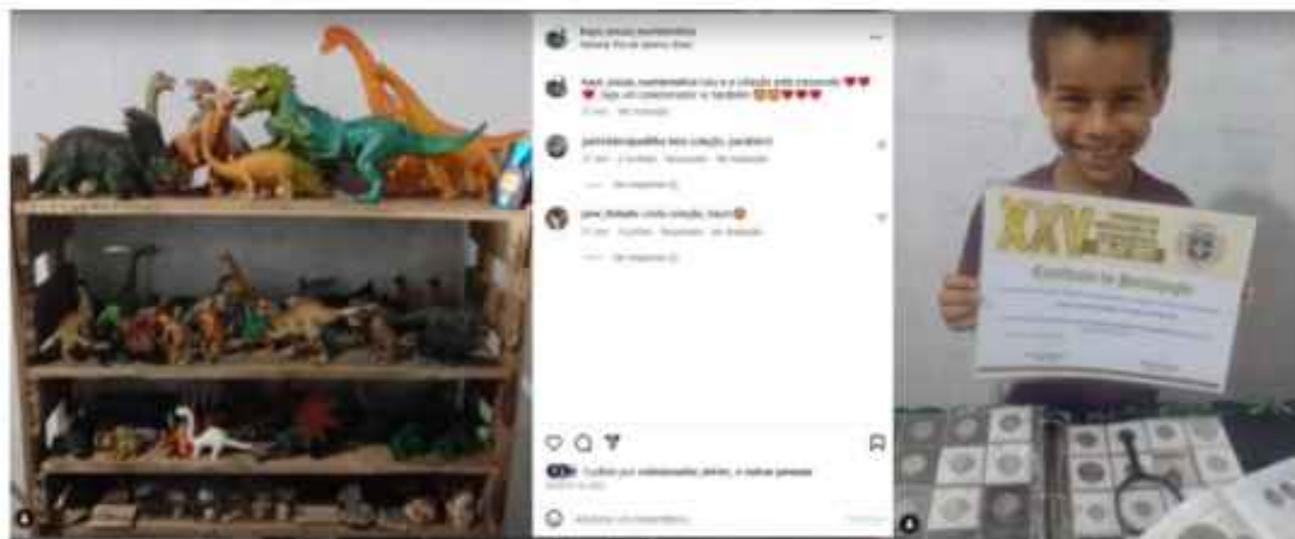
Responsabilidade - a coleção dá para as crianças um sentimento de orgulho e posse. De cuidar do que é seu. E você pode incentivar esse entusiasmo ao adquirir uma estante para o colecionador, álbuns e caixas para que as preciosidades possam ser devidamente armazenadas;

Conexões Sociais - As crianças colecionadoras têm um assunto a mais para conversar com seus amigos. Além disso, as trocas fazem parte do colecionar. Assim, elas criam laços e ampliam seu círculo de amigos;

Habilidades escolares - segundo o Guia Prático dos Temas Contemporâneos Transversais, elaborado pelo MEC (2020) e agregado aos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997, é importante para a criança abordar os assuntos contemporâneos para melhoria da aprendizagem de temas que são relevantes para sua atuação na sociedade. Exemplo: Moedas Olímpicas 2016.

Assim, entendemos por que colecionar dinossauros, uma simples brincadeira que caiu no gosto da maioria das crianças, como outros objetos pelos quais tenham afinidade, vai naturalmente despertar o interesse do estudo sobre eles, enriquecendo o repertório cultural dos pequenos e despertando o interesse na prática do colecionismo, podendo evoluir para outros objetos de mais complexidade, entre os quais, a filatelia e a numismática.

Aliás, por falar em dinossauros, registramos a magnífica declaração nosso Colecionador Mirim Kayo Sousa, de Itaboraí (RJ), com 8 anos de idade, que também já coleciona cédulas e moedas:



"Quando eu tinha 4 anos, eu comecei a juntar dinossauros. E nesse juntar dinossauros, eu percebi que poderia voltar milhões e milhões de anos, sem sair de casa. Com o passar do tempo, eu descobri que os dinossauros tinham modelos e formas diferentes. Ai eu descobri uma coleção.".....
 "Eu acho que colecionar faz bem para minha imaginação. Eu posso voltar a 100 anos atrás e ver que D. Pedro tirou uma foto. E como eu sei que ele tirou aquela foto? Porque tem uma nota daquilo, tem uma moeda daquilo. Eu sei que o Brasil foi colônia de Portugal" ...
 "Tudo o que tem naquele círculo faz bem pra minha imaginação...."

Cabe ressaltar a importância da participação dos pais nesse processo, compreendendo e incentivando essa forma de brincar especial e integradora que é o colecionismo infantil.

Para ilustrar, segue uma mensagem recebida do Professor Natal

Silva, educador, colecionador numismata e pai do Colecionador Mirim Natan Silva. Disse ele, que faz um excelente trabalho educativo no Recanto das Emas, Distrito Federal: "A diversão é essencial para a formação e felicidade do ser humano. E quando podemos aliar diversão com conteúdo rico e que favorece a aprendizagem não tem preço. A Numismática é bela."

Projeto Colecionador Mirim é um projeto educativo e cultural criado em 2019, tem o apoio da Sociedade Numismática Brasileira, de várias associações numismáticas regionais, da Associação Amigos do Museu de Valores do Banco Central, do Clube da Medalha da Casa da Moeda do Brasil, do Museu Eugênio Teixeira Leal - Memorial do Banco Econômico, e de inúmeras empresas numismáticas e colecionadores de várias localidades do país.

Sua realização se dá a partir de eventos no perfil no Instagram @coleccionador_mirim_, participação em encontros e congressos, oficinas arte-educativas infantis e na criação de produtos paradidáticos, especialmente o livro infantil Dinheiro no Tempo - História do Dinheiro com Arte e Diversão para Crianças. Nosso slogan: "Todo colecionador começa pequeno. Uma menina colecionadora é espetacular!"



(*) Telma Ceolin, Coordenadora Regional Centro-Oeste da Sociedade Numismática Brasileira e idealizadora do projeto Colecionador Mirim.

Apoie essa idéia!
INCENTIVE O COLECIONISMO INFANTIL
 coleccionador_mirim_
 dinheironotempo_paracrianças

Colectionismo Numismática Educação Financeira

siga curta compartilhe
 FALE CONOSCO
 61 982264493

Florianópolis nas lentes do Foto Postal Colombo

José Carlos Daltozo - Martinópolis, SP

A Foto Postal Colombo, editora de cartões-postais sediada em São Paulo, iniciou suas atividades na década de 1950 por iniciativa do fotógrafo Sulpizio Colombo. Ele se especializou em vistas aéreas de cidades. Eram fotos branco e preto no formato 9 x 14 cm, a maioria com margens brancas e legenda junto à imagem do local fotografado. A empresa alugava um pequeno avião, o fotógrafo fazia as fotos com a porta aberta visando obter maior nitidez nos registros. E, ainda, jogavam panfletos nas cidades sobrevoadas, com os dizeres: "Sua cidade foi fotografada hoje, procure em breve nas papelarias e bancas de jornais os cartões-postais que vamos produzir".

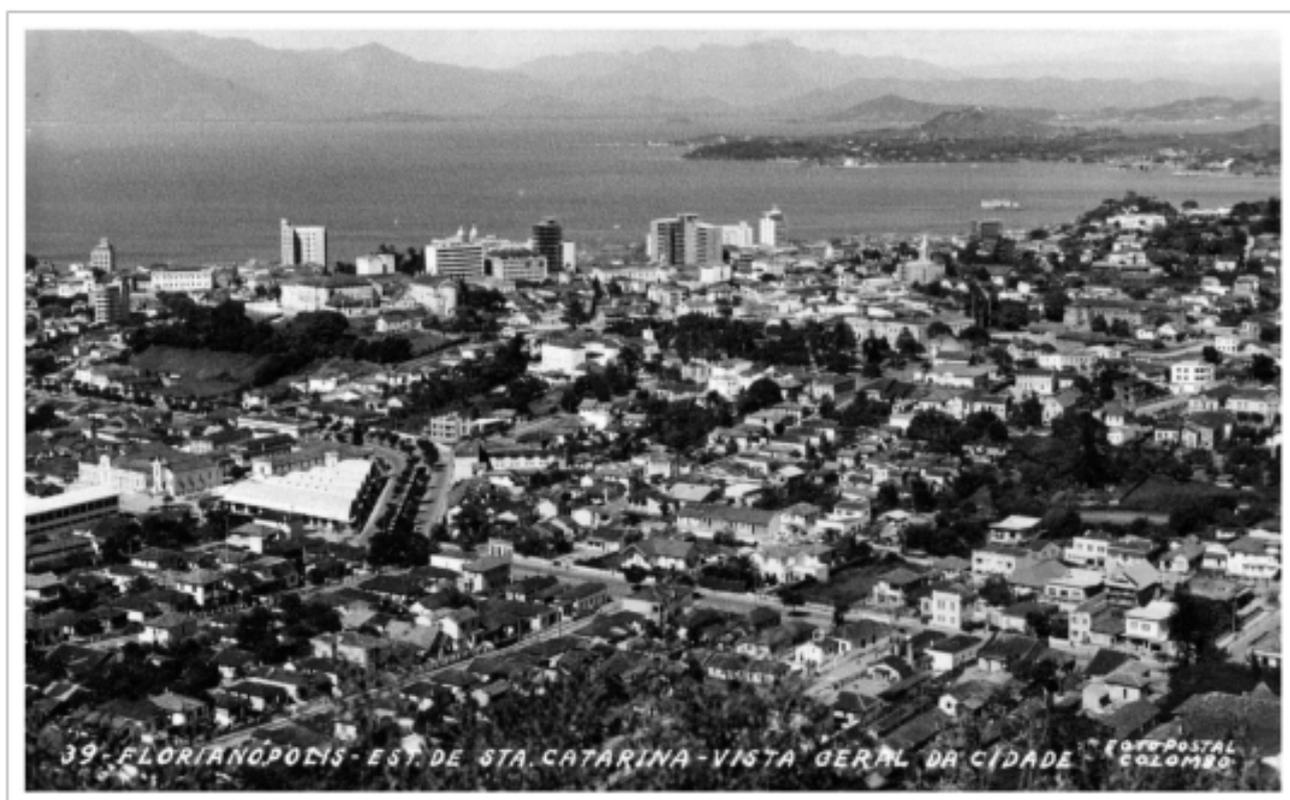
Os postais eram produzidos aos milhares e muito procurados, numa época em que poucas pessoas possuíam máquinas fotográficas. Outro grande feito da Foto Postal Colombo foi ter acompanhado, com fotos e postais, toda a evolução da construção de Brasília, de 1956 a 1960. Os filhos de Sulpizio, Aldo Colombo e Alfredo Colombo, ajudavam o pai na tarefa de fotografar e administrar a empresa. Anos depois, Aldo se mudou para o Rio de Janeiro, onde continuou produzindo cartões-postais, agora coloridos e no formato 10 x 15 cm, com o nome "Colombo Cine Foto Produções Ltda".

Todas as capitais brasileiras e praticamente todas as cidades médias ou com potencial turístico, foram fotografadas pelas lentes dos fotógrafos da Foto Postal Colombo, nas décadas de 1950 e 1960. Florianópolis é uma delas, mostrando aspectos que, hoje, são raridades. O cartão-postal tem esta grande vantagem, a de preservar imagens que, de outra forma, desapareceriam nas brumas do tempo.

Apreciem as imagens destes postais editados no final da década de 1950 e verifiquem como a capital catarinense evoluiu em termos de urbanismo e arquitetura.



65 - FLORIANÓPOLIS - EST. DE STA. CATARINA - VISTA AEREA DA PONTE HERCILIO LUZ. FOTO POSTAL COLOMBO





(*) José Carlos Daltozo - Jornalista e Historiador, com 15 livros publicados
 Colecionador de cartões-postais / E-mail jcdaltozo@uol.com.br

a Numismática cuida de sua saúde!!!
Depressão • Ansiedade • Estresse



prazer • relaxamento • entretenimento • conhecimento
 geografia • finanças • história



Instagram



vendas@etiketa.net.br
 (47) 999-739-925

COIN HOLDER # ÁLBUNS # CAIXAS # ETIQUETAS #
 #Folhas p/ CÉDULAS e MOEDAS # EXPOSITORES #



Filatélica Penny Black
Portal do selo

Agora trabalhando juntas

Conheça nosso novo site de leilões
www.brasiliafilatelia.com.br

Incluimos o acervo do
Marcelo Studart

Grande estoque de selos brasileiros e estrangeiros / Toda linha de materiais filatélicos e numismáticos / Atendemos listas de Brasil, outros países e/ou temas / Compramos coleções de selos

Roberto Silveira

(61) 92000-8401  

E-mail portaldoselo@gmail.com

OFERTAS EM NOSSOS SITES

www.portaldoselo.com.br

www.filatelicabrasilia.com.br



Colecionador Mirim

Apoie essa idéia!

INCENTIVE O
COLECIONISMO INFANTIL

Siga Curta Compartilhe
[colecionador_mirim](https://www.instagram.com/colecionador_mirim)
[dinheironotempo_paracrianças](https://www.instagram.com/dinheironotempo_paracrianças) 

 FALE CONOSCO
61 982264493

**Colecionismo
Numismática
Educação Financeira**



Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.

Com o livro Meninas no dinheiro, as crianças aprendem sobre o dinheiro, os bancos e os hábitos de consumo.





EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Superintendência Estadual de Santa Catarina

Apoio de Filatelia

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva - gabrielgd@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 - bloco B - 6º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário - São José/SC
CEP 88110-905 - Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Especiais
Selos personalizados - Coleções Anuais

Em São José: Agência Floresta - Rua Romeu José Vieira, 90
CEP: 88110-975 - Telefone: (48) 3954-4195
scacatm@correios.com.br

Em Blumenau: Agência Victor Konder - Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 - Telefone (47) 3144-2372
scafbnu@correios.com.br

Em Joinville: Agência Joinville - Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 - Telefone (47) 3419-6929
scacjve@correios.com.br



Associação Brasileira dos Comerciantes Filatélicos

24^o Encontro Internacional de Filatelia

01 e 02 de Setembro 2023

09 às 18 hs.

Novotel Jaraguá
São Paulo - SP

ENTRADA GRATUITA



Nas melhores coleções!



**FILATELIA CLÁSSICA
FILATELIA TEMÁTICA
TODOS OS TEMAS**

**ARTWORK
CARIMBOS
ELEMENTOS DIFERENTES
FRANQUIAS MECÂNICAS
HISTÓRIA POSTAL
INTEIROS POSTAIS
PEÇAS ESPECIAIS
PERFINS
PROVAS
RARIDADES
TELEGRAMAS
VARIÉDADES**



COMPRAMOS COLEÇÕES!

WWW.BOLZANCOLECOES.COM.BR